

**MATURIDADE – A RESPONSABILIDADE DE SER VOCÊ MESMO  
DE OSHO  
POR TELMO ARISTIDES**

O autor desfazendo os paradigmas instituídos pelo ocidente e pelo oriente, os preceitos dominantes e condicionadores da vida humana, chamando de criminosos os pais que se sujeitam os filhos a uma educação repressora, determinando que se torne um assassino dos pais, dos parentes, a fim de alcançar a libertação, chega mesmo a negar a existência de Deus, mas penso que ele não O nega, apenas como NIEZTCHE quer negar o Deus antropomórfico.

Ao negar o Deus externo entendo que somente não O coloca fora de nós mas em nós e nós nele – a parte no Todo e do todo na parte.

Somos uma centelha divina, esta centelha nos move, e o que nos move é o amor e, o amor quando acontece, ainda que perante a razão seja banal, é o único poder de si mesmo revelado.

Por isto, o mergulhar em si mesmo, a busca interior com seu verdadeiro “eu” deve ser uma constante para a libertação. O amor, assim, torna-se liberdade, a pessoa se sente livre e se se coloca à disposição do outro é porque transcendeu e rompeu os limites do egoísmo e do egocentrismo.

Mas, este amor como energia ou consciência essencial só se revela pela libertação das emoções e sensações; ver-se-á livre quando não guardar preconceitos nem reprimir o sentimento, mas entendê-lo, aceitá-lo e discipliná-lo; disciplinando-se a pessoa alça o êxtase e com o tempo a transformação acontece e ela se libera de outras práticas, como o próprio sexo.

Deus é a premissa, o começo e fim para onde voltaremos em essência, isto é, em consciência essencial registrada toda experiência, mas a que permanece e abre as portas para o encontro com o Divino é unicamente o amor.

Passarei a transcrever textos do livro fazendo referência às páginas respectivas e, sempre que possível tecerei comentários.

Já disse que nascemos grandes e nos tornamos pequenos a medida que crescemos. Isto é uma verdade em face dos condicionamentos e imposições: “As crianças aprendem tudo de quantos as rodeiam, e estamos cercados de mortos” (p. 7).

“Toda criança nasce inocente, mas toda sociedade a corrompe [...] No momento em que a criança começa a se tornar parte da nossa sociedade, ela começa a perder algo imensamente valioso; ela começa a perder o contato com Deus” (p. 21).

Então, como podemos permitir uma educação guiada por mortos que na caserna da covardia reprime a liberdade a fim de controlar e manter um sistema que se acredita estabilizar a vida social, numa fantasia hipócrita pois basta ver o que acontece no mundo de hoje.

Ao falar da meditação o autor insiste que depois de contaminado dificilmente o homem consegue alcançar a meditação, por isto, “a criança é a pessoa mais qualificada porque ela ainda não está sobrecarregada de conhecimento, de toda sorte de coisas sem valor. Ela é inocente” (p. 8).

Há um convite para uma meditação de forma a alcançar um segundo nascimento. Isto fez-me lembrar imediatamente das palavras de Cristo: que para louvar a Deus era preciso nascer de novo (o algo semelhante).

E este nascer de novo para o autor é a saída da mendicância, da ignorância para a inocência, diz como Cristo: “como a uma criança” e não como criança. Por isto o nascer de novo, é a maturidade (não do tempo mas da própria consciência de si mesmo) na qual encontra a inocência da criança com a sabedoria experimentada ao longo da vida horizontal.

“No segundo nascimento, ele ganhará o que estava disponível no primeiro nascimento, mas a sociedade, os pais, as pessoas à volta dele aniquilaram o que estava disponível, destruíram-nº Cada criança está sendo cheia de conhecimento. De alguma forma, sua simplicidade tem de ser eliminada, porque ela não vai ajudá-la no mundo da competição. Sua simplicidade ará ao mundo a impressão de que quem a detém é uma pessoa simplória; sua inocência será explorada por todos os modos possíveis” (p. 10).

E assim, somos desenvolvidos na direção errada e, por conseguinte, o choque quando as pessoas começam a se descobrirem em si mesmas, vendo que aquilo que elas dizem ser realmente não o são; e conseqüentemente, instaura-se o medo, pois, retirada a máscara da personalidade será que serei aceito, será que terei o mesmo sucesso...

“Purifique a mente de tudo o que você sabe, de tudo o que for tomado de empréstimo, de tudo o que advém da tradição, das convenções. Tudo o que lhe foi dado pelos outros – pais, mestres e universidades –, simplesmente livre-se disso. Seja de novo alguém simples, seja de novo uma criança. E esse milagre é possível pela meditação” (p. 10).

“Vir a ser é a enfermidade da alma” (p. 11).

“As estátuas e templos não foram construídos para adoração; foram construídos para a experiência. São laboratórios científicos” (p. 14).

“Toda cultura tem que lhe dar alguma compensação para que você não se sinta de todo perdido na sua infelicidade e tristeza; mas essas compensações são falsas” (p. 14); referindo-se às comemorações e festividades culturais, que apresenta-nos lenitivos a fim de arrefecer a dor.

“A verdade celebração deveria vir da vida, originar-se da vida. E a verdadeira celebração não pode estar de acordo com o calendário, em cujo primeiro de novembro você fará uma celebração. É estranho: durante todo o ano você é infeliz, e no dia primeiro de novembro você de repente deixa de lado a infelicidade, e dança... Ou a infelicidade era falsa, ou é falso o primeiro de novembro; as coisas não pode ser verdadeiras [...] A vida deve ser uma celebração contínua, um festival de luzes todo o ano. Só então você pode crescer, pode florescer” (p. 15).

Destarte, é imperativo não descartar o mundo mas viver no mundo sem o ser do mundo.

“Tudo o que você faz deveria ser uma expressão de você mesmo; deveria ter a sua assinatura. Assim, a vida se tornaria uma celebração contínua” (p. 16).

E nisto devemos atentar para o fazer o que nos alegra o coração, que nos traz prazer e felicidade e, não por obrigação ou convencionalismo ou politicalidade ou culturalidade.

“Quando estiver doente, chame um médico. Porém, é mais importe que você chame os que ama porque não há remédio mais eficaz do que o amor. Chame os que podem criar a beleza, a música e a poesia ao seu redor, visto que nada há que cure mais do que o espírito que celebra” (p. 17).

“Imprima criatividade em tudo, tire o melhor do pior – eis o que chamo a arte de viver. E se um homem viveu toda a sua vida tornando cada momento e cada fase da vida uma forma de beleza, de amor, de alegria, naturalmente sua morte será o pico máximo de todo o empenho de sua vida” (p. 17).

“...não torne as coisas pequenas nem grandes, nem triviais nem importantes. Tudo é importante. Nesse momento, a morte de Lin Chi é tão importante quanto os dois esquilos correndo no telhado, não há nenhuma diferença. Na existência tudo é o mesmo” (p. 18) (sobre o diálogo entre Lin Chi e outro mestre que o advertiu sobre as últimas palavras e ele mandou ouvir os esquilos no telhado).

“Eu afirmo a você que a vida não é uma prisão, não é um castigo. É uma recompensa, que só é dada aos que a ganharam, aos que a mereceram. Agora é seu direito usufruí-la; será um pecado se você *não* a desfrutar. Será contrário à existência não torná-la bela, deixá-la como a encontrou. Não, torne-a um pouco mais feliz, um pouco mais bonita, um pouco mais perfumada” (p. 19).

“Nunca tente ser outro, e você ficará maduro. Maturidade é aceitar a responsabilidade de ser você mesmo, a qualquer preço. Arriscar tudo para ser você mesmo – isso é o que é a maturidade” (p. 20).

Logo, devemos abolir, urgentemente, as máscaras e as adoções que assumimos relativamente a outros que nos espelhamos. Não podemos ser

modelos, também não podemos abraçar modelo algum, senão o que vem do coração, no centro, no interior, onde o Divino repousa.

A cultura, a política e a religião são contrárias ao amor, contra os sentimentos, tornando-os chulos, ridículos, menosprezando-os, cunhando-os de sentimentalismo.

“Elas condenaram todos os amantes eras a fio pelo simples fato de que o amor não pertence à cabeça, mas ao coração. Um homem que é capaz de amar descobrirá seu ser cedo ou tarde – e, quando uma pessoa descobre o próprio ser, ela se liberta de todas as estruturas, de todos os padrões. Ela se liberta de toda a escravidão. É pura liberdade” (p. 22).

“A maturidade é um renascimento, um nascimento espiritual. Você nasce novamente, é novamente uma criança. Com olhos inocentes, você começa a olhar a existência. Com carinho no coração, você se aproxima da vida. Com silencia e inocência, você penetra o mais íntimo do ser. Você não é mais apenas ‘cabeça’. Agora você a usa, mas ela é sua serva. Primeiro você se torna o coração, e, então, você até mesmo o transcende.

Ir além de pensamentos e sentimentos e se tornar simplesmente uma ‘esseidade’ são coisas da maturidade. Maturidade é o florescimento máximo da meditação” (p. 22).

“Esse é o único modo de recuperar a verdadeira infância: primeiro você tem de perdê-la. É muito estranho, mas eis como é a vida. É bem paradoxal, mas a vida é um paradoxo. Para conhecer a real beleza de sua infância, você tem de, primeiro, perdê-la; caso contrário, você nunca a conhecerá” (p. 24).

“No momento em que você se dá conta de que fazer parte de qualquer sociedade, qualquer religião, qualquer cultura é continuar a ser infeliz, um prisioneiro – nesse momento você começa a se livrar de suas cadeias. A maturidade está a caminho, você está reconquistando sua inocência” (p. 24).

“Quando uma pessoa envelhece com total consciência, ela se torna madura. Envelhecer + consciência, experiência + consciência, isso é maturidade” (p. 25).

“Mas você leva a consciência para as suas experiências – independente do que faça, do que lhe aconteça, você está alerta, atento, consciente, você está avaliando a experiência de todos os ângulos, está tentando entender-lhe o significado, você está tentando penetrar-lhe a essência, o que lhe aconteceu; você está tentando viver isso intensa e totalmente – então isso não é só um fenômeno superficial. No fundo do seu coração, algo está mudando com isso. Você está mais alerta. se isso foi um erro, essa experiência, você nunca o cometerá novamente” (p. 25/26).

“Um homem que está ganhando maturidade não *decidiu* que não ficará com raiva de novo, não – esse é o sinal de um homem que não está amadurecendo. O homem maduro nunca se decide pelo futuro; a própria

maturidade se encarrega disso. Você vive hoje – a própria vida decidirá como o amanhã vai ser; o amanhã advirá disso” (p. 26); o que me recorda o Anjo Velho, querido amigo e protetor que disse “o amanhã constrói hoje”.

Por isto a necessidade de experimentar, não tresloucadamente, mas conscientemente, segundo o que realmente é, fora das máscaras da personalidade. Assim, “sua compreensão está aumentando através de cada experiência” (p. 27).

“Uma pessoa madura nunca morre, porque ela aprenderá até mesmo com a morte. Até a morte será uma experiência a ser vivida intensamente, observada e aceita” (p. 27).

Assim, o autor propõe que a vida e morte são conjuntas, assim como o amor e o ódio, pois, se não soubermos um do outro, então um não terá sentido; vale dizer, a vida só tem sentido por causa da morte.

Fazendo várias indagações sobre conseguir a consciência, na medida que o que ele e outros falam se transformam em conhecimento e não contribui para alcançar a consciência. Porque na verdade viver é sofrer, o prazer traz consigo a dor. Por isso, as pessoas preferem não-viver, não se tornarem conscientes.

“Na vida, esse torpor funciona como uma proteção contra a dor. Mas esse é o problema – se você está entorpecido contra a dor, também está entorpecido contra o prazer. Pense nisso como se houvesse duas torneiras: numa estar escrito ‘dor’ e na outra, ‘prazer’. Você gostaria de fechar a torneira na qual a palavra dor está escrita, e gostaria de abrir a torneira na qual a palavra prazer está escrita; mas esse é o jogo – quando você fecha a torneira da dor, a do prazer imediatamente se fecha, porque por trás de ambas há só uma torneira, em que está escrito ‘consciência’” (p. 29).

“Se você está consciente, você deve estar consciente dos dois. A vida é dor e prazer. A vida é felicidade e infelicidade. A vida é dia e noite, a vida é vida e morte. Você precisa estar consciente dos dois” (p. 29).

“Se você tiver medo da dor, permanecerá hipnotizado; ficará velho e morrerá. Perdeu uma oportunidade. Se você quiser estar consciente, então terá de estar consciente da dor e do prazer; eles não são fenômenos separados” (p. 30).

E conta a parábola do mestre que faleceu e outro mestre outrora seu discípulo começou a gritar e a chorar e fora advertido para as conseqüências disto, pois que, ninguém acreditaria nele que prega que a morte não existe, ele respondeu: “não me perturbe. Deixe-me chorar e gritar. Eu não estou chorando pelo Mestre nem pelo seu ser; estou chorando pelo corpo dele, que também era belo. Esse corpo nunca mais existirá... Que pensem o que quiserem. Desde o dia que me tornei iluminado tornei-me também infinitamente abençoado, mas também fiquei infinitamente sensível à dor e ao sofrimento” (p. 30/31).

Por isto, “a pedra lançada contra ele o abaterá profundamente, causar-lhe-á um profundo sofrimento. É claro que ele estará consciente disso; é claro que estará indiferente a isso. É claro que ele transcenderá isso, estará consciente de que isso está acontecendo e de que ele não será parte disso, ele será um fenômeno nebuloso à volta disso – que está, contudo, acontecendo” (p. 31).

“Por medo da dor, você não pode se tornar consciente – e então você não pode aprender nada... É como se você tivesse tanto medo dos inimigos que fechasse as portas da sua casa. Agora, nem sequer o amigo pode entrar... Você transformou o amigo em inimigo – agora ninguém pode entrar, você está com medo” (p. 31).

“Por causa do medo da dor, você forçou a viver numa consciência obscura, numa existência obscura, quase sem vida – esse é o medo” (p. 32).

Diz o autor que “a coisa mais importante para se lembrar é que a vida é dialética” (p. 32). Digo, a vida é dialética quando na relação matéria-pessoa e pessoa-pessoal, mas é dialógica no nível da maturidade e do “eu”, na medida que não há um “discurso-contrário” mas apenas um sentir livre de condicionamentos e pré-conceitos (assim mesmo).

“O êxtase não pode existir sozinho, ele precisa de um contraste. A agonia se torna o quadro-negro, então o êxtase se torna muito claro e vivo, da mesma forma que na escuridão da noite as estrelas reluzem tanto. Quanto mais negra é a noite, mais luminosas são as estrelas” (p. 32).

“Quando a infelicidade chega, a pessoa dá-lhe as boas vindas; quando a felicidade chega, a pessoa dá-lhe as boas-vindas, sabendo que elas são parceiras do mesmo jogo. Isso é algo que deve ser lembrado continuamente” (p. 33).

Deveras, só percebemos a grandeza do amor, do êxtase, do prazer, porque temos uma referência negativa (contraste) que nos proporciona identificar então os sentimentos nobres e o pulsar de um coração transmutado. Porém, sinto que no nível essencial ou “essencialidade” não há necessidade deste contraste, o amor vive e movimenta por si mesmo, é um fim em si mesmo, é a um só tempo o plano de imanência e a essência, é estar no Todo sendo parte dele, é como uma pintura de tom sobre tom.

Só damos valor na simplicidade da vida – que é a essência de viver – quando amargamos tempos e tempos no vazio e isolamento – sozinho literalmente – de sorte a conceber a grandeza e majestade de Deus nas pequenas coisas.

Temos uma tendência fácil de cunhar as pessoas e até mesmo de julgá-las. Mas, as pessoas que conseguem a maturidade espiritual são aos olhos das demais uma pessoa estranha, e, por isto poucos são os que param para recebê-la e conhecer aquele universo paralelo que brilha com intensidade e que livre expande e encolhe livre e sem peias.

Veja o que diz o autor a respeito: “As qualidades de uma pessoa madura são muito estranhas. Primeiro, ela não é uma pessoa. Ela não mais um ego – tem uma presença, mas não é uma pessoa. Segundo, ela assemelha-se mais a uma criança, simples e inocente. Eis por que eu disse que as qualidades de uma pessoa madura são muito estranhas, porque a maturidade acarreta certa sensação de que se tem idade, de que se está velho – fisicamente a pessoa pode ser velha, mas espiritualmente ela é uma criança inocente. Sua maturidade não é só experiência adquirida vida afora – portanto, ela não seria como uma criança, uma presença – ela seria uma pessoa experiente, educada, mas não amadurecida... Tem que ver com sua jornada interior, com sua experiência interior. Quanto mais o homem se aprofunda em si mesmo, mais madura ele é. Quando ele alcançou o âmago do seu ser, ele se acha perfeitamente amadurecido; mas nesse momento a pessoa desaparece, só a presença permanece” (p. 34).

Para tanto, é preciso ter aceitação desta transformação e compreensão deste quadro porque a pessoa desaparece quase num sentido literal, tornando-se invisível a muitos e sua presença permanece em sinergias em fluidos de amor e sensibilidade.

“A maturidade tem uma fragrância. Confere grande beleza à pessoa. Confere inteligência, a inteligência mais aguda possível. Faz com que ela apenas ame. Sua ação é amor, sua inação também é; sua vida é amor, sua morte é amor. Ela é apenas uma flor de amor” (p. 35).

É por isto mesmo que o autor sacramenta: “A maturidade de que estou falando não fará de você uma pedra; ela o deixará vulnerável, delicado, simples” (p. 35).

Citando o exemplo do ladrão que entra na casa de um místico que o apanha e ao invés da contumaz atitude que se espera de um homem nesta situação, ele pergunta ao larápio o que está procurando no escuro e que se o tivesse acordado poderia mostrar-lhe a casa inteira. E mesmo identificando-se como ladrão o místico responde não importar, pois, no mundo todos temos de ser alguém. O diálogo (não dialética) prossegue até que o místico oferece o único bem que possui um cobertor naquela noite fria e diz que irá com ele que viverão juntos, pois, a única coisa que o prendia naquele lugar era o coberto que agora estava de posse do ladrão. Diante da recusa do ladrão em permitir segui-lo – evidentemente estranhando aquele comportamento doce, nobre, de amor – o místico aceita e permanece na casa. Quando ia saindo o místico disse-lhe: ‘aprenda um pouco de boas maneiras. Eu lhe dei o coberto e você nem sequer me agradeceu. Assim, primeiro, me agradeça – ele o ajudará por muito tempo. Segundo, ao sair, feche a porta! Você a abriu quando entrou. Não percebe que a noite está muito fria, nem que lhe dei o cobertor e fiquei nu? Não há problema em que você seja ladrão, mas no que respeita às boas maneiras, sou um homem difícil. Não posso tolerar esse tipo de comportamento. Diga obrigado!’. Assim fez o ladrão. Essa voz já era cortante e toca ao ladrão de maneira jamais percebida, o que fez o ladrão pensar sobre isto a noite toda. Até que o ladrão foi preso e levado ao tribunal e ao ser indagado de alguém que o conhecia ele citou o

místico. O juiz mandou chamá-lo e o místico então compareceu à audiência e ao ser indagado se conhecia o ladrão, respondeu: “Se o conheço? Somos parceiros! Ele é meu amigo, até me visitou certa vez no meio da noite. Estava tão frio, que lhe dei meu cobertor. Ele o está usando, como pode ver. Esse cobertor é famoso em todo o país; todo mundo sabe que é meu”. Então o juiz diz: “Ele é seu amigo? E rouba?” ele responde: “Nunca! Ele não pode roubar. Ele é tão educado que quando lhe dei o cobertor ele me disse, ‘Obrigado, senhor’. Quando ele saiu de casa, silenciosamente fechou a porta. É uma pessoa muito cortês, agradável”. O juiz então considerando a pessoa do místico, desconsiderou todos os outros depoimentos e mandou soltar o ladrão. Desta feita, o ladrão o acompanhava, o que foi indagado pelo místico por que o seguia. Ele disse, “Agora nunca poderei deixá-lo. O senhor me chamou de amigo, de parceiro. Ninguém nunca demonstrou respeito por mim. O senhor é a primeira pessoa que disse que eu sou educado, cortês. Vou me sentar a seus pés e aprender a ser como o senhor. Onde adquiriu essa maturidade, esse poder, essa força, essa visão totalmente diferente das coisas?” O místico disse, “Você sabe como me senti mal naquela noite? Você se foi – estava tão frio sem um cobertor, que não era possível dormir. Só fiquei sentado à janela, observando a lua cheia, e escrevi um poema: ‘Se eu fosse rico o bastante, teria dado essa lua perfeita àquele companheiro pobre, que veio à noite em busca de algo na casa de um homem pobre. Eu teria dado a lua se fosse bastante rico, mas eu sou pobre... Chorei naquela noite para que os ladrões aprendessem algo. Pelo menos eles informariam com um ou dois dias de antecedência toda vez que fosse invadir a casa de um homem como eu, para que fosse possível arranjar algo, de modo que os ladrões não tivessem de ir de mãos vazias. E é bom que você tenha se lembrado de mim no tribunal; caso contrário, como essas pessoas são perigosas, elas poderiam tê-lo maltratado. Ofereci-me naquela mesma noite para acompanhá-lo e ser seu parceiro, mas você recusou. Agora você quer ir comigo! Não há nenhum problema, você pode vir; tudo o que tenho partilharei com você. Mas isso não é material, é algo invisível” (p. 35/39).

O amor e sua força, seu poder, sua energia, é invisível, mas é mais intenso e indestrutível que a maior rocha do mundo e subsiste para sempre, porque “a maturidade é um fenômeno espiritual” (p. 39).

“Por maturidade eu entendo que você voltou para casa. Você não é mais uma criança que tem que crescer – você cresceu. Tocou o zênite do seu potencial. Pela primeira vez, num sentido estranho, você não é – e você é. Você não partilha mais de idéias e fantasias ultrapassadas, nem da antiga compreensão de si mesmo; tudo isso ecoou pelo ralo. Agora, algo novo surge em você, absolutamente novo e fresco, que transforma toda a sua vida em alegria. Você se tornou um estranho para o mundo infeliz, não cria infelicidade para você mesmo nem para ninguém. Você vive a sua vida em liberdade total, sem nenhuma consideração pelo que os outros dirão” (p. 40).

Eis, portanto, a primeira transcendência, o primeiro passo, o encontro consigo mesmo. O encontro do “eu” com o eterno, situando-se no plano de imanência de Deus, a fonte motriz de seu movimento e duração a partir de então. Estabelece-se a re-ligação (assim mesmo).



“Este é um mundo muito estranho. É quase um manicômio. Se , nesse manicômio, você fica alerta e atento ao seu ser interior, você é abençoado” (p. 40).

O autor aborda os momentos do desenvolvimento da pessoa humana, da infância até a idade adulta e, neste campo, atento aos preceitos filosóficos, biológicos e psíquicos do tema, deixa claro que há fase nas quais nos prendemos e não alcançamos a maturidade, somente o envelhecimento. Envelhecemos mas não amadurecemos, justamente por permanecermos presos e condicionados a convencionalismos e pré-conceitos (assim mesmo) imutáveis porque assim o é desde antes e assim, então, deve permanecer, deixamos de ser águias para sermos galinhas, pois, é mais fácil a covardia que acomoda e falseia estável felicidade que a coragem de encontrar a verdadeira felicidade, vivendo infelicidade e decepções.

“A vida apresenta um modelo interior, e é bom entender isso. A cada período de sete anos, dizem os fisiólogos, o corpo e a mente passam por uma crise e mudança... Na realidade, a vida do homem não deveria ser dividida em infância, juventude e velhice. Isso não é muito científico, porque a cada sete anos nova idade começa, um novo passo é dado” (p. 41).

Diante desta constatação para o autor até os quatorze anos somos todos homossexuais, isto é, as meninas se interessam por meninas e os meninos por meninos; diz ele que é o momento em que saímos da fase do egocentrismo, ou seja, interessar por nós mesmos, e passamos a nos interessar pelos outros, mas os outros do mesmo sexo; até que, “depois do décimo quarto ano, o menino não mais está interessado em meninos. Se tudo correr normalmente, se ele não ficar preso em algum lugar, ele se interessará por meninas. Agora ele está se tornando heterossexual – não só interessado nos outros, mas realmente *no outro* – porque, quando um menino está interessado em outro menino, este pode ser o ‘outro’ mas ainda é um menino como o primeiro, não exatamente o outro” (p. 43).

O interesse no outro diferente, no outro complemento, no outro com o qual se estabelece vínculos espirituais e físicos diferentes acaso não esteja, como o autor, “preso em algum lugar do passado”.

“Por volta do trigésimo primeiro ano, a energia vital alcança seu ponto ômica... Agora ele está contra qualquer mudança; ele é um conformista. Está contra todas as revoluções; quer *o status quo* porque agora ele se estabeleceu e, se algo mudar, tudo se desestabilizará. Agora ele está falando contra os *hippes*, contra os rebeldes; agora ele realmente se tornou uma parte do *estabishment*”. (p. 45).

Interessante esta abordagem porque o autor traça as transformações pelas quais passamos. E de veras, agora posso acalmar meu coração por compreender por que a minha geração cheia de ideal de liberdade e justiça se sucumbiu à corrupção e a injustiça, formas de aprisionamentos. É porque alcançando a estabilidade com o casamento, filhos e renda, acabam por procurar manter esta estabilidade que lhes proporciona a oportunidade.

Assim, somos, ao final e ao cabo, todos políticos. Queremos mudanças desde que estas alcançam os outros não a nós mesmos. Então, quando alcançamos o poder toda proposta transformadora, força que nos o proporcionou, é rechaçada a fim de manter o estado de coisas que combatemos. Que Deus perdoe nossas almas pela covardia que mantém no cárcere das prisões da vida a maioria da população mundial para gerar imenso materialismo a uma minoria hipócrita e fingida, que se esconde sob todas as formas de máscaras!

Combato há muito a materialização da sexualidade da mulher e a venda de sua sensualidade, banalizando-a a mero produto de consumo e não de vida e prazer, daí, o crescente homossexualismo masculino, posto que, a mulher é como um objeto qualquer que se pode comprar e usa, mas não conquistar e amar. Enquanto o homem – em sua convivência do interessar pelo outro – encontra no mesmo homem a mesma fragilidade, angustia, sensibilidade exurgindo a complementação que deveria ocorrer ao desabrochar o interesse pelo outro sexo.

Mas, o outro sexo é consumista, é material, tem um preço, vende-se, é corrompido, e, portanto, não encontra nele a correspondência de complementaridade de sentimentos e espírito. É como se a mulher fosse biônica, mecânica.

A prova disto é que para vender uma caneta é preciso aparecer uma “bunda” feminina, uma mulher seminua. E o que é pior, em todos os veículos de comunicação. Destarte, a pessoa em desenvolvimento está o tempo todo em contato com a mercantilização do sexo feminino, a novidade é sem dúvida o sexo masculino, o mistério do outro igual.

Veja o que diz o autor: “A sociedade era boa quando você tinha catorze anos, porque ela lhe dava bastante sexo – toda a sociedade é extremamente sexual; o sexo parece ser a única mercadoria escondida em cada mercadoria. Se você quer vender um caminhão de dez toneladas, você tem de usar uma mulher nua. O mesmo serve para uma pasta de dentes. Isso faz diferença: uma mulher nua sempre está por trás de tudo, sorridente. De fato, a *mulher* é vendida. O caminhão não é vendido, as pasta de dentes não é vendida – a mulher é que é vendida... Em toda a parte o sexo é vendido” (p. 47).

E sexo não é amor, e sem amor não há caminho, sem caminho não há nada a ser alcançado e, se não há o que ser alcançado só há um vazio. O homem torna-se um vazio. Advêm daí a angústia e todas as formas de doenças que hoje experimentamos.

“As úlceras são as marcas da ambição. Se você tem úlceras, isso mostra que você é um homem muito próspero. Se não tem nenhuma úlcera, você é um homem pobre; sua vida foi um fracasso, você falhou totalmente. Se você tem seu primeiro ataque cardíaco perto dos 42 anos, você é um grande sucesso. Você deve ser pelo menos ministro ou um rico industrial, ou mesmo um ator famoso; caso contrário, como você explicará o ataque cardíaco? Um ataque desses é a definição do sucesso” (p. 49).

“Sempre que você tem uma ambição, o tempo é necessário. E para mim uma pessoa religiosa é a que não precisa de tempo. Ela está livre aqui e agora; alcança o Brahman aqui e agora; está livre, iluminada, aqui e agora. O homem religioso não precisa de tempo porque a religião acontece num momento intemporal. Acontece agora, sempre acontece agora; nunca aconteceu de outra maneira”. (p. 51).

Diz-se isto para demonstrar como estamos imersos em repressões e postos em prisões e sequer notamos. Conseqüentemente construímos uma sociedade repressora. Assim, “se ela deixa de lado uma forma de repressão, imediatamente começa outra” (p. 52).

“Tudo o que se ensina sobre celibato aos catorze anos é estúpido, você está reprimindo a pessoa” (p. 53).

“Aos 56 anos, a pessoa deveria ser madura para se desembaraçar de todos os compromissos sociais. Ponto final!” (p. 55).

“Aos 63 anos, você se torna novamente criança, interessado apenas em si mesmo. Eis o que é meditação – estar se voltando para dentro, como se tudo o mais se houvesse desfeito e só você existisse” (p. 55).

“E o que é estar pronto para morrer? Morrer celebrando. Morrer feliz, alegremente, de boa vontade, dando boas-vindas, é estar pronto. Deus deu-lhe a oportunidade de aprender, e você aprendeu. Agora você gostaria de descansar” (p. 55).

É a fase em que a pessoa “passa ao santuário mais íntimo, onde a chama sempre esteve queimando, onde sempre houve luz, onde fica o templo, onde Deus sempre viveu. Esse é o processo natural” (p. 56).

“Se a criança vive a infância completamente, ela se tornará um jovem bonito, puro, não contaminado pela infância. Deixará a infância como uma cobra deixa a pele. Sairá dela revigorado. Terá a inteligência de um jovem e não será um retardado. Via a juventude completamente. Não dê ouvidos às antigas autoridades, simplesmente tire-as do caminho. Não lhes dê ouvidos – porque elas matam a juventude, reprimem a juventude. São contra o sexo, e se alguma sociedade é contra o sexo, então este se espalhará pro toda a sua vida, se tornará um veneno. Viva-o! Desfrute-o!” (p.57).

O autor condena a avidez pelo sexo quando a fase deveria ser outra, diz ele: “quando você tem uma chance de se esfregar contra o corpo de uma mulher, você nunca perde essa chance – que coisa feia! Esfregar-se contra um corpo? Algo continuou não resolvido em você. E quando um ancião olha com olhos lascivos, não há nada comparado a isso; é a coisa mais feia do mundo quando um ancião tem lascívia nos olhos” (p. 59).

“Não haverá doenças. Viva o sexo quando o momento for oportuno; esqueça-o quando o momento tiver passado. Mas você só pode fazer isso se

“você viveu; caso contrário, você não pode esquecer nem perdoar. Você se apegará, isso se tornará uma chaga por dentro” (p. 59).

Com efeito, isto vale para tudo na vida. Se temos a oportunidade de viver os momentos e cada qual em sua inteireza, castrá-los ou reprimi-los leva-nos a perder a dança, a perder a experiência, a teorizar a experiência de nós mesmos e, por conseguinte, tornamo-nos cada vez mais envoltos a “n” impulsos secretos.

E o autor combate veementemente aqueles “mestres” ocidentais que são contra o sexo que pregam a pecaminosidade e imundice do sexo e aqueles que em nome da ciência debruçam a estudar o sexo e seu mecanismo como a vagina, dizendo: “Na realidade, eu suspeito que esses Masterses e Johnsons e Kinseys são *voyeurs*. Eles próprios são doidos por sexo; caso contrário, quem se incomodaria em examinar mil vaginas com instrumentos – observar o que está acontecendo dentro quando uma mulher faz amor? Quem se incomodaria? Que tolice! Mas quando as coisa se pervertem, isso acontece. Agora os Masterses e Johnsons viraram peritos, as autoridades máximas” (p. 60).

Observe-se como a sociedade e seu padrão, seu sistema cria verdadeiras ‘divindades’, ídolos ociosos que não se cansam de mecanizá-la de sorte a cada vez mais soterrar a essência de cada um, submetendo-nos ao jugo do conformismo.

“Se você vive inteiramente o momento, então não há nenhuma necessidade de se preocupar com o futuro. Uma infância vivida corretamente o leva a uma juventude equilibrada e madura – fluindo, vital, animada, um oceano selvagem de energia” (p. 62).

Mas ainda somos fracos e defeituosos para não nos preocuparmos com o futuro quando vivemos intensamente o momento. Contudo, o ânimo em busca da transcendência leva-nos a entender e aceitar cada momento.

“Viver não é bastante; a pessoa tem de penetrar o mistério. Uma vida calma e tranqüila leva-o a momentos de meditação. Essa o leva a renunciar a tudo o que é inútil agora, ao que é apenas lixo, refugio. Toda a vida se torna lixo; só uma coisa sempre permanece, eternamente valiosa, e ela é a sua consciência” (p. 62).

Por isto, ao lado da construção desta vida calma e tranqüila vem sempre o medo da tempestade, mas é encontrando a calma e tranqüilidade dentro de si e criando espaço de edificação da consciência-essência que a tempestade passará sem causar dano algum.

É a compreensão de que quando se pensa no futuro, “ele não é nada senão projeção do passado [a física quântica explica este plasma]; quando você pensa no passado, isso não é nada senão tentar planejar o futuro – eles estão juntos. O presente está fora de ambas as coisas – o homem que vive neste

momento, aqui e agora, não está sobrecarregado de passado nem de futuro, ele permanece sem um fardo” (p. 63).

Logo, a vida calma e tranqüila é fruto do que se constrói hoje, que será em seguida passado. O futuro que se teme é a ausência de plasmar no presente (então, passado) o futuro que se quer! É a ausência de fé na força criativa da própria realidade, um poder celífluo, deidade divina. Obrigado Senhor por nos ter dado tão grandioso poder.

Saber usá-lo é sem dúvida o grande problema, eis que, para acontecer o futuro plasmado no presente (transformado em passado) é guardar coerência com a sintonia universal, com a paridade e respeito ao universo paralelo de nossos iguais.

Assim, quando chega a sua hora o homem vê como a vida foi bela e cheia de experiência. “Ele será grato a tudo o que aconteceu – ao bem e ao mal, ao certo e ao errado, porque com tudo isso ele aprendeu. Não só com o certo; com o errado também – os sábios que ele conheceu, aprendeu com eles, e os pecadores, sim, aprendeu com eles também. Todos ajudaram” (p. 64).

Então, não nos cabe julgar em momento algum, tampouco em ter medo de errar, temos de viver e, viver é experimentar, não é se corromper, mas é admitir e aceitar que em busca do “eu” e sua evolução podemos acertar e errar com a cabeça erguida e, acima de tudo, ligado àquele que é Tudo em si mesmo.

“Quando a pessoa é grata a tudo e está pronta para morrer, celebrando a oportunidade que lhe foi dada, a morte se torna bela. Então a morte não é o inimigo, é o melhor amigo, porque é o crescendo da vida. É o cume mais lato que vida alcança. Não é o fim da vida, é o clímax” (p. 64).

“O amor pode ter três dimensões. Uma é a da dependência; eis o que acontece à maioria das pessoas... A segunda é o amor entre duas pessoas independentes... E a terceira é a da interdependência” (p. 65/66).

Para o autor a primeira e a segunda são infelicidade. Na primeira porque há exploração de um pelo outro, há dominação. Na segunda porque há conflito entre os independentes, ninguém cede, “ninguém está pronto para se comprometer, para se adaptar ao outro” (p. 65).

O amor interdependente de que se cogita, é aquele cujo sentimento (estado) se forma por vontade e entrega porque se quer entregar e, não em razão de atos ou fatos fora ou além do “eu”; é o espírito que impulsiona à atração e ao físico, é pelo espírito que se identificam e descobrem a complementaridade. Sentem-se inteiros juntos e, portanto, o amor se manifesta livre, nem dependente, nem independente, mas interdependente.

“Isso acontece muito raramente; mas sempre que acontece, uma parte do paraíso cai na terra. Duas pessoas nem independentes nem dependentes, mas numa grande sincronicidade, como que respirando no mesmo corpo,

uma alma em dois corpos [eu diria duas almas em um corpo] – sempre que isso acontece, acontece o amor. Só isso se pode chamar de amor. As outras duas formas não são realmente amor, são apenas vínculos – sociais, psicológicos, biológicos, mas vínculos. A terceira forma é algo espiritual” (p. 66).

Destarte, “o homem amadurece no momento em que começa a amar em vez de necessitar. Ele começa a transbordar, a partilhar; ele começa a dar. A ênfase é totalmente diferente. Com o primeiro, a ênfase está em como adquirir mais. Com o segundo, a ênfase está em como dar, em como dar mais, em como dar incondicionalmente. Trata-se do crescimento, da maturidade, chegando até você. Uma pessoa madura dá. Só uma pessoa madura pode dar, porque só uma pessoa madura tem. Então, o amor não é dependente. Você pode estar amando quer o outro esteja ou não amando. O amor não é uma relação, é um estado” (p. 67/68).

Por isto, sempre estou a dizer que o amor é a única coisa a ser cultivada nesta existência densa; é a única experiência que carregaremos em nosso espírito sedento de ascensão, transcendência, e saudade de casa.

“Continua a oferecer sua alegria a Deus, ao todo. Se eu estiver sozinho, então também eu serei tão amável quanto sou quando estou com você. Não é você que está criando o meu amor. Se você estivesse criando o meu amor, então, naturalmente, quando você se fosse, meu amor também haveria de ir-se” (p. 68).

“O amor é um luxo. É abundância. É ter tanto vida, que você não sabe o que fazer com ela; assim, você a partilha. É ter tantas canções no coração que você tem de cantá-las – se alguém ouve, não importa. Se ninguém ouve, então você também terá de cantar a sua canção, você terá de dançar a sua dança” (p. 69).

“Os rios não fluem para você; eles estão fluindo quer você esteja lá ou não. Eles não fluem para a sua sede, para os seus campos secos; eles simplesmente estão fluindo. Você pode matar a sua sede e pode não conseguir isso – tudo cabe a você” (p. 69).

Se tecer qualquer comentário sobre isto, a vontade é muita, tirarei a oportunidade de criar em quem ler a apreensão da sensação de si mesmo.

“É um acidente você não conseguir água para o seu campo, é acidental você conseguir água para as suas necessidades” (p. 69).

Falando sobre as formas de amor, dependente e independente, dos conflitos que se instalam entre os apaixonados, pois, a paixão é uma batalha para dominar, diz o autor: “Essas são maneiras de manipular, de subjugar o outro, de deixá-lo cada vez mais necessitado, de modo que ele fique mais dependente. Naturalmente, as mulheres são mais diplomáticas sobre isso do que os homens, porque o homem já é poderoso. Ele não precisa achar modos sutis e astuciosos para ser poderoso; ele é poderoso...” (p. 70).

O homem confunde ser o “cabeça da família”, o “braço forte” com ser proprietário, amo e senhor da mulher. Ele até pode ser o “cabeça”, o “braço forte”, mas o é para servir com amor e proteção para conciliar forças, para partilhar e criar sinergias, sintonias e laços, para que ambos possam alcançar o vôo da gaivota errante e transcendental, para viverem no mundo sem serem do mundo.

Mas, na libertação da mulher ao invés de ocorrer pela conscientização e apreensão desta dinâmica de vida e sincronização espiritual, ela se deu pela mecanização e instrumentalização. A mulher se auto-instrumentalizou para que o homem sentisse necessidade dela, necessidade quase dependente e assim, conseguisse espaço para sua própria existência, que apesar de tudo, ainda é infeliz, ambos são infelizes. Porque causar no outro necessidade, não é amor, é provocar um sistema de controle e dominação indireta, como o vício.

“O único modo de elas se sentirem poderosas era tornando-se necessárias, que o homem necessitasse delas continuamente. Isso não é amor, isso é um negócio, e eles estão continuamente barganhando o preço. É uma luta constante” (p. 71).

“O amor só acontece quando você está maduro. Você só se torna capaz de amar quando é adulto. Quando você sabe que o amor não é uma necessidade mas um transbordamento - ‘amor-ser’ ou ‘amor-dádiva’ - então você dá sem quaisquer condições. [...] A pessoa é inundada com esse amor. Você o possui e ele começa a rodeá-lo, assim como quando você acende um abajur e os raios da luz começam a se propagar na escuridão. O amor é um subproduto do ser” (p. 72).

“O amor, para ser realmente amor, tem de ser ‘amor-ser’, ‘amor-dádiva’. O ‘amor-ser’ significa um estado de amor - quando você chegou em casa, quando você soube quem você é, então o amor aflora no seu ser. A fragrância se espalha e você pode dá-la aos outros. Como você pode dar algo que não tem? Para dar amor, a primeira exigência básica é ter amor” (p. 76).

Porquanto, há imperiosa razão e dever que descobramos a nós mesmos em nosso interior, a vida-essência, o nosso verdadeiro “eu”, o “ser”. Quando se encontra a si mesmo o amor transborda e tornamo-nos sensíveis a tudo, muitas vezes com expressões de todos os sentimentos em todos os momentos, o que a maturidade conduzirá a um controle - autocontrole - não dominação, nem repressão, mas disciplina para que eles sejam projetados no momento certo.

De modo que, não devemos esperar o amor do outro se manifestar, manifestemo-nos amorosos sem a necessidade de que o outros manifeste o seu amor, pois, do contrário, ambos serão infelizes. E, assim, ao invés de encontrar a felicidade dentro de si - o “eu” que faz o amor transbordar - a água viva, encontra-se uma autojustificativa para o comodismo covarde daqueles que prefere a inércia à atitude de quebrar as barreiras e ser um estranho no mundo - estranho pela maturidade.

Veja o que o autor neste sentido menciona: “Sozinhos, vocês estavam se sentindo frustrados; agora, juntos vocês se sentem frustrados. Há algo bom nisso, no sentido de que agora você pode atribuir a responsabilidade ao outro – o outro o está fazendo infeliz; esse é o ponto positivo. você pode se sentir à vontade. ‘Nada está erra comigo, mas o outro...’” (p. 73).

“Você pode continuar trocando de marido ou mulher mil e uma vezes, você achará de novo de novo o mesmo tipo de pessoa e a mesma infelicidade se repetirá – de maneiras diferentes, mas a mesma infelicidade, quase a mesma” (p. 73/74).

Por isto, afirmo que devemos buscar no outro o amor e cultivar o amor sublime, porque não há príncipes nem princesas, há homens e mulheres com qualidades e defeitos e, se não identificarmos em nós mesmos as causas dos embates relacionais trocaremos sempre de algo e sempre estaremos vazios e sozinhos.

Digo sempre que os sonhos depois de realizados são apenas momentos. A mansão se torna casa; o príncipe se torna simples homem; o carrão se torna mera condução; o ídolo mera peça de enfeite; e assim sucede sucessivamente, pois, o prazer e a alegria de ser só existe quando descobrimos nós mesmos e nos completamos conscientemente no outro.

“A esposa nunca parece bonita, o marido nunca parece bonito; uma vez que você se familiariza, a beleza desaparece” (p. 77).

“Na realidade, a pessoa madura não ‘cai de amores’; amando ela ‘se ergue’. A palavra *cai* não é correta. Só pessoas imaturas caem; elas tropeçam e caem apaixonadas. De alguma forma, estavam controlando as coisas e se mantendo de pé. Agora não podem controlar nada nem ficar de pé – acham uma mulher e eles se vão, acham um homem e se vão. Elas sempre estiveram prontas para cair por terra e rastejar” (p. 74).

Minha experiência leva a uma conclusão diferente. A paixão consciente que se manifesta pelo espírito, que se manifesta do amor verdadeiro e aproxima as pessoas, esta não derruba, os ‘apaixonados’ não caem; elas têm consciência da dimensão do sentimento, de sua fonte, e o que representa cada qual em sua vida; é como disse o próprio autor há uma sincronicidade como “uma alma em dois corpos”.

O autor parece concordar com este raciocínio porque mesmo expressando sobre a paixão como fruto da imaturidade, diz ele: “E quando duas pessoas maduras estão apaixonadas, um dos maiores paradoxos da vida acontece, um dos fenômenos mais belos: elas estão juntas e ainda se sentem imensamente sós. Estão de tal modo juntas que são quase uma única pessoa; mas sua unidade não destrói a sua individualidade – na realidade, aumenta-a, elas se tornam mais individuais. Duas pessoas maduras e apaixonadas se ajuda uma à outra para se tornarem mais livres. Não há nenhuma política envolvida, nenhuma diplomacia, nenhum esforço para dominar” (p. 74/75).



E continua: "...elas se sentem tão unidas, que são quase uma pessoa, mas ainda nessa unidade elas são indivíduos. A individualidade delas não é desfeita - aumentou [e por quê? Porque a junção como 'contraste' aciona a identificação precisa da individualidade]. O outro a enriqueceu no que concerne à liberdade. [...] Pessoas maduras e a apaixonadas se ajudam a ser livres; se ajudam mutuamente a destruir todos os tipos de escravidão. E quando o amor flui com liberdade, há beleza" (p. 75).

Logo, o ficar sozinho é o sentido de integração-interação. O homem sozinho se perde, é um vazio. O sozinho só pode significar a ausência da necessidade de estar ao lado de alguém como posse ou algo concreto, mas estar como deidade, em essência.

Por isto se diz: "A pessoa madura tem integridade para ficar sozinha. E quando uma pessoa madura dá amor [deidade], faz isso sem nenhuma amarra que a ate - ela simplesmente dá [integração-interação]. Quando a pessoa madura dá amor, ela se sente grata pelo fato de você ter aceitado o amor dela, não vice-versa. Ela não espera que você seja grato por ele" (p. 74).

Dito tudo isto, o autor, não comungando na exata medida de sua idéia, mas pensando ser o casamento um ato de realização interior (espiritual) entre duas pessoas que se amam e não que se desejam somente e, sem intermediários, pois, se Deus criou tudo e se tudo está em Deus - se a parte está no todo - então sendo criatura de Deus não necessitamos para a comunhão de vida, da intermediação de um homem ilusório, de uma ritualística procedimental que só serve para arregalar os olhos.

Sugere o autor: "o matrimônio deveria acontecer depois da lua-de-mel, nunca antes disso. Só se tudo correr bem, só então o matrimônio deveria acontecer" (p. 76).

E isto não tem nada a ver com sexo, tem a ver com a energia que deve existir para a unção espiritual. E como esta energia flui da região do chakra básico em transcendência, deságua evidentemente no sexo que é o clímax corporal desta energia que todos os que amam maduramente experimenta.

"Os divórcios existem porque os casamentos são errados e forçados. Os divórcios existem porque os matrimônios se realizam num clima romântico. Um clima romântico é bom se você for um poeta - e não se tem notícia de que poetas dêem bons maridos ou boas esposas..." (p. 77).

Na verdade é porque se casam sem estarem verdadeiramente unidos e cientes de que não há ídolos ou príncipes ou princesas. Quando elas tomam consciência de que a vida de relação íntima é árdua e de contínuo crescimento e dedicação como outrora no campo da conquista, então, ocorre a maturidade e estarão prontas para o casamento.

"Quando você ficou ciente de todos esses problemas e ainda assim decidiu que vale a pena arriscar-se e estar com uma pessoa em vez de ficar só, então case [é a tomada de consciência da dimensão de si mesmo]. Assim, os

casamentos nunca matarão o amor, porque esse amor é realista. O matrimônio só pode matar o amor romântico” (p. 78).

“Nada pode destruir o amor. Se ele existe, continua crescendo; mas a minha impressão é a de que, na maioria dos casos, ele não está em primeiro lugar. Você entendeu mal a si mesmo; qualquer outra coisa estava ali – talvez o sexo estivesse ali, talvez a atração sexual. Assim, isso vai ser destruído porque, quando você faz amor com uma mulher, a atração sexual desaparece” (p. 78).

Por isto, vale a pena repetir o que foi dito acima: o que vale a pena e só deveria ser cultivado, propagado e ensinado é o amor e o meio de alcançá-lo em si mesmo, porque o amor é livre, é somente “um estar-se preso por vontade”. Mas preso não no significado que o damos, mas significando aquela entrega e ajuda mútua.

“O que eu quero dizer quando falo ‘realmente amor’? Quero dizer que basta estar na presença do outro para você de repente se sentir feliz, basta estar juntos para você se sentir em êxtase; só a presença do outro satisfaz algo profundo no seu coração... algo começa a cantar no seu coração, você entra em harmonia. Só a presença do outro já ajuda os dois de ficarem juntos; você se torna mais individual, mais concentrado, com os pés mais plantados no chão. Isso é amor” (p. 79/80).

Porque “O amor é uma compreensão muito profunda de que alguém de algum modo o completa. Alguém faz de você um círculo perfeito. A presença do outro aumenta a sua presença. O amor dá liberdade para ser você mesmo; ele não é possessividade... O amor é eternidade. Se estiver ali, continua crescendo e crescendo. O amor conhece o começo mas não o fim” (p. 80).

É assim que nos sentimos quando estamos juntos, quando caminhamos juntos, quando trabalhamos juntos, quando discutimos juntos... Este é o meu testemunho!

Acima encontrar-se-ão outras características do amor verdadeiro citadas pelo autor.

A liberdade que se experimenta quanto se assume o amor é tão sublime e inexprimível que jamais se quererá outra coisa senão seguir amando.

E, assim, o amor se manifesta em várias formas: o amor materno, paterno, fraterno, amigo, e de completude que se manifesta entre homem e mulher de tal forma que os une em um só corpo.

O autor ao tratar da relação pais e filhos aborda o orgasmo como aquele momento que há transcendência do organismo biológico; aquele momento de êxtase, de silêncio, de expansão, de desligamento e portanto, de paz total: “o amor se a sua contraparte, o ódio, seguindo-o” (p. 81).

Quando se ama em espírito e se sente a pessoa amada dentro de si, esta contraparte desaparece, não há ódio. Pode haver dor, a dor da distância, da separação, jamais o ódio, porque o amor permanece, ainda que no tempo venha transmutar em ações de beatitude.

“Tudo que você precisa saber é que isso é que é meditação: intemporalidade, ausência de ego, silêncio, beatitude, alegria contagiante, êxtase avassalador. Isso aconteceu por meio da biologia entre duas pessoas [união corporal, sexo]. Quando você sabe que isso pode acontecer também na solidão, você só tem de satisfazer essas condições. Meu ponto de vista é o de que o homem veio a saber sobre a meditação pelo orgasmo, porque na vida não há nenhum outro momento que se aproxime tanto da meditação” (p. 81/82).

Porém, não estamos preparados para termos esta sensação de êxtase e expansão na solidão. Ela é o silêncio que fere por não encontrar a completude e a correspondência que se disse acima.

E por que razão não conseguimos alcançar a meditação sequer por meio do sexo? Porque “todas as religiões são contra o sexo. Elas são a favor da meditação mas não são a favor do começo, da experiência básica que o levará à meditação” (p. 82); significa dizer que o sexo ainda é e continuará sendo o lado pervertido, animal, sujo e pecaminoso do ser humano. É por isto que o amor se manifesta sempre com sua contraparte: o ódio, a infelicidade, porque depois do sexo exsurtem os sentimentos de culpa, de autocondenação, de traição, algo se torna errado dentro de si e, deve ser combatido e, a única causa plausível dentro das condicionantes, dos reducionismos e convencionalismos socioculturais é o sexo.

Agora, de algo sublime, lindo, puro, atemporal, transcendente, o sexo e, assim a pessoa que ele remete [o companheiro], torna-se o vilão a ser combatido na competição interna entre a “esseidade” e a “personalidade”.

Por isto, diz o autor: “A biologia é muito mais piedosa do que as igrejas, sinagogas, templos e mesquitas. Embora a biologia seja cega, não é tão cega quanto os seus Moisés, Krishna, Jesus, Maomé [Evidente que se refere a eles na condição antropomórfica aprisionada dada pelos homens controladores das religiões]. A biologia é a sua natureza; ela não tem senão compaixão por você. Ela deu-lhe tudo o que era possível para você ascender, para alcançar um estado sobrenatural” (p. 82).

Discute-se, então, por que as religiões – a favor da meditação – não dão uma prova de sua existência na vida humana, estando as pessoas ouvindo apenas palavras.

“Você terá de lhes dar algo que possa alertá-los acerca do que é possível – o amor feito sem nenhuma culpa, sem nenhuma pressa, sem pensar que você está fazendo algo errado. Você estará fazendo a melhor coisa, e a mas certa, do mundo” (p. 83).

“Todas as religiões não foram senão uma calamidade. Só faça amor quando estiver pronto para ocupar um espaço próprio para a meditação. E crie uma atmosfera própria para a meditação enquanto estiver fazendo amor” (p. 83).

“Você dá à luz uma criança de acordo com o seu estado de amor. Se um pai está desapontado, ele deveria pensar sobre isso: que essa é a criança que ele mereceu. Os pais nunca criam a possibilidade para que uma alma superior e mais evoluída penetre no útero – porque o espermatozoides masculino e o óvulo feminino só criam a oportunidade para a alma penetrar. Eles criam a oportunidade para um corpo, de modo que alguma alma possa encarnar. Mas você só atrairá o tipo de pessoa que a sua atividade sexual tornar possível” (p. 83).

Infere-se, pois, a importância do sexo na vida humana como fluxo de energia e re-ligação (assim mesmo) com o Todo, com o Universo; por isto deve ele ser cultivado e venerado e não menosprezado, desprezado, e banalizado como o é na sociedade atual. O sexo é a completude que se estabelece entre o homem e uma mulher espiritualmente falando, de sorte que esta “energia” deságua no corpo por meio do sexo, dando o sentido da complementaridade.

Só assim será possível a geração de uma criança de luz, na luz e pela luz, portanto, livre desde a origem, liberta para sempre, para a ascensão.

“Na realidade, a criança que nasceu da meditação não pode ser condicionada; ela se rebelará contra isso. Só as pessoas medíocres podem ser condicionadas” (p. 84); daí, percebe-se quantas existem no mundo.

“E um casal capaz de criar um clima propício à meditação enquanto faz amor não é um casal comum. Eles terão respeito para com o filho. Este é um convidado do desconhecido, e você tem de respeitar o convidado. Os pais que não têm respeito para com seus filhos estão fadados a destruir a vida deles” (p. 84/85).

No mais sutil das relações percebe-se, quase sempre, como regra, que os pais não respeitam os filhos. Poucos são os que assim procedem. Os pais dominam os filhos e os controla – pretendem – continuamente. E o filho aprisionado que não se dá conta de sua individualidade e liberdade, de sua grandeza diante de Deus, suporta o jugo com submissão, embasado sempre em dogmas religiosos de resignação que nada tem a ver com escravidão e anulação de si mesmo.

Jesus deu-nos exemplo por sua própria trajetória. Não satisfaz a vontade dos pais, mas a de Deus com o qual, pela meditação/oração, estabeleceu a ligação infinita. Por várias vezes deixou claro que sua compaixão e amor pelo próximo não significaria negar a si mesmo e a Deus em si.

O negar a si mesmo e tomar a sua cruz e seguir-lhe, é negar-se a si para receber um *plus* da Luz de Deus, significa afastar-se do orgulho para aceitar

um plano que nos levará à transcendência, à verdade que nos dará a compreensão do amor sem contraparte, isto é, incondicional.

Jamais significa negar-se diante de pais, autoridades, pessoas, amigos, maridos, mulheres e filhos. De contrário, não haveria razão para dizer que aquele que não aborrecer seu pai, sua mãe, seu filho, sua esposa e até mesmo sua própria vida, não serve para segui-lo, pois, haveria sempre negação de si mesmo diante de deles e submissão ao jugo de cada um. Que aborrecimento se pode extrair de tal comportamento?

A religião está fora do homem, é produto do homem, é produto da política, é fruto da dominação. A religiosidade está dentro do homem, em sua essência, em seu coração. E não se manifesta porque o homem soterra sua essência, seu “eu” com as regras do mundo que acredita serem verdades absolutas.

Assim, nenhum homem ama verdadeiramente, nenhum homem amou verdadeiramente, principalmente os seus, por condicioná-los ao guante cultural.

“E quando você ama uma pessoa, não pode condicioná-la. Quando você ama uma pessoa, você lhe dá liberdade, proteção. Quando ama uma pessoa, você não gostaria que ela fosse apenas uma cópia de você mesmo; gostaria que ela fosse uma pessoa única. E, para torná-la única, você tomará todas as providências, criará todos os desafios que estimulam o seu potencial” (p. 85).

E nesta atividade você parecerá totalitário, exigente, e dominador. Só depois vencida a face e a pessoa se encontrar frente a frente a si mesma, observando todo seu potencial, compreenderá suas ações passadas. É preciso, então, muito tato e cuidado na diligência dos estímulos libertários e apreensores do potencial da pessoa amada.

“Nas conversas corteses, as pessoas nunca discutem assuntos controversos, porque isso pode criar algum antagonismo. Elas discutem apenas assuntos não-controvertidos – o tempo... Naturalmente, não nenhuma controvérsia sobre o tempo. Se está frio, está frio; se está quente, está quente” (P. 87).

Portanto, não podemos temer as discussões – não as frívolas – mas aquelas que nos leva ao crescimento, ao amadurecimento da criança que há dentro de nós.

“Uma criança sem condicionamento causa embaraço de muitas formas para os pais; mas se eles amam, estarão prontos para fazer qualquer coisa” (p. 87), e, isto, é dar liberdade, é libertar, porque assim “o seu filho está se tornando um ser único. Eles o ajudarão a permanecer livre, aberto, disponível a um futuro desconhecido” (p. 87).

“Eles o ajudarão a ser um buscador, não um crente. Eles não farão dele um cristão, nem um judeu, nem um hindu, nem um maometano, porque todas essas religiões fizeram tanto mal – é mais do que o suficiente. Está na hora de

todas as religiões desaparecerem do planeta. As crianças sem condicionamento podem fazer esse milagre acontecer porque amanhã elas serão jovens, maduras e não cristãs nem hindus nem maometanas” (p. 87).

Não posso compreender este pensamento do autor ainda, principalmente diante da referência constante a Deus. Mas, posso entender somente de uma forma: que a religião constituída por homens em nome de Deus, de um Deus humanizado e, portanto, que se fere e se vinga por causa de nossas ações, é que deve desaparecer, porque na essência o homem encontrará sua maturidade e nela a religiosidade ou espiritualidade, que o re-ligará (assim mesmo) a Deus.

E Deus sendo amor e puro amor, tudo se transformará e, a face da Terra se renovará e, adoração a Deus será, então, sem dúvida alguma, “em verdade e em espírito”.

“E você tem de tornar o amor o ponto central da sua vida, porque só por meio do amor é que você pode ir além da natureza cega do mundo do sobrenatural, onde nenhuma cegueira existe, onde você se torna um vidente”(p. 87).

“A liberdade de seu filho é mais valiosa, porque o seu filho é o futuro da humanidade” (p. 88). Logo, pretensos pais, atentam para a existência do verdadeiro amor antes de conceber e para o sutil da vida de seus filhos depois de concebidos!

“E uma criança que recebeu liberdade – mesmo contra os próprios pais – o respeitará para sempre, permanecerá grata a você para sempre” (p. 88); por isto, deve cada um promover um processo de autolibertação e amadurecimento. Trata-se de transformação transcendental do ser infantil para o ser maduro. E como toda transformação é traumática para aqueles que não a podem compreender, deve aquele que a abraçar tornar-se consciente do desafio, discussões e barreiras que surgirão.

Do contrário, permanecerá cheio “de raiva, de fúria, de ódio pelos pais, porque o que eles fizeram é imperdoável” (p. 88). É bom lembrar que muitos ódios dos pais são transferidos a outras pessoas diante da veneração equivocada e da idolatria a eles despendida.

“O amor é um espelho espiritual. Ele o alimenta, integra, o prepara para a jornada interior; faz com que você se lembre do seu rosto original” (p. 91).

“O amor o alertará cada vez mais sobre o que é possível, mas não cumprirá o prometido. Ele o frustrará – e só na frustração profunda é que está a possibilidade de voltar ao seu próprio ser. Só os que amam conhecem a alegria da meditação” (p. 92).

Não quer isto dizer que o amor deve ser uma aventura em busca de um desastre emocional. Não! Mas a frustração advém justamente porque o amor

é sensível, e, por ser sensível percebe e sente toda e qualquer manifestação de dor.

“A pessoa que ama cedo ou tarde está fadada a se tornar religiosa; mas a pessoa que não ama – o político, por exemplo, que não pode amar nenhuma pessoa, só ama o poder – nunca se tornará religioso. [...] O dinheiro pode ser possuído; você pode ter dinheiro e pode possuí-lo. É fácil ter dinheiro; difícil é ter um amor – impossível, na realidade. Você tentará possuir, mas como pode possuir uma pessoa viva? Esta resistirá em todos os sentidos, lutará até o fim. Ninguém quer perder a própria liberdade” (p. 92).

E, por isto, o amor deve ser um “estar-se preso por vontade”, eis que, não se trata de aprisionar, mas de complementar, de ser interdependente. Logo, o amor não é posse, o amor é entrega recíproca, venerada, cultuada em Deus.

“Quanto menos você possui, mas perto você se sente do outro. Se você não possui nada, se há liberdade fluindo entre os que se amam, há um grande amor” (p. 92/93).

“A liberdade é outro aspecto da meditação. Comece com a liberdade e você se tornará consciente; comece com a consciência e você se tornará livre. Ambas caminham juntas” (p. 93).

Assim, só pode amar ou experimentar o amor aquela pessoa que consegue se libertar de todas as amarras e miasmas socioculturais e parentais, e tomar consciência de si mesma, de sua individualidade.

“O amor é um tipo sutil de servidão, mas é uma experiência essencial, muito importante para a maturidade” (p. 93) e só pode amar aquele que se encontra livre em si mesmo.

“O amor lhe dá substância, o amor lhe dá integridade; deixa você concentrado. Mas isso é apenas metade da jornada; a outra deve se completar na meditação, na consciência. Mas o amor o prepara para a outra metade” (p. 94).

“O amor prepara o terreno, e no solo do amor a semente da meditação pode crescer – e só no solo do amor” (p. 95).

“A jornada cria a meta. A meta não é sentar-se lá, ao cabo da jornada; a jornada cria a meta a cada passo. Ela é a meta. Jornada e meta não estão separadas, não são duas coisas. O fim e os meios são duas coisas. O fim está espalhado por todo caminho; todos os meios trazem em si o fim” (p. 96).

“Se você pode arriscar toda a sua vida no amor, grande será a sua conquista. O amor o devolverá a você mesmo; dar-lhe-á alguns reflexos da meditação” (p. 96).

Portanto, reafirmo: o amor é a única coisa a ser cultivada e vivida em toda nossa existência.

“Agora você gostaria de viver nesse momento para sempre, gostaria que esse momento se tornasse toda sua vida. Ele se torna - e a menos que se torne, o homem continua insatisfeito” (p. 97).

O autor com muita propriedade adverte que a onde vamos e a que velocidade vamos se vamos de um ponto a outro horizontalmente, porque assim sempre terminará num cemitério. E narra a história de um rei que recebeu a mensagem de que naquela noite seria a sua última. Então, tomando conselho com seus sábios, um deles sugeriu que tomasse o cavalo mais rápido e fosse para longe, assim, quando a noite chegasse ele não estaria naquele local e não poderia ser morto. Assim fez o rei. Quando então distante de seu reino e a noite chegou a “sombra” e lhe disse agradeço a seu cavalo excelente, porque esta é a hora e lugar e, acrescentou: “Eu estava preocupado - você estava tão longe, como poderia trazê-lo? O cavalo cumpriu o destino” (p.98/100).

Portanto, devemos crescer verticalmente. E crescer verticalmente é entrar em contato consigo mesmo e mergulhar na direção a Deus, entregando-se e libertando-se do passado representando pelas posses, pelo orgulho, pelo egoísmo, pela vaidade, pela aparência, pela personalidade. Só assim, viveremos no amor e teremos a expansividade indispensável para sermos essência.

Pois, “aonde quer que você vá horizontalmente, a qualquer velocidade, você terminará em algum cemitério. É estranho que a todo momento nossos túmulos estejam se aproximando de nós - mesmo que você não arrede pé, seu túmulo está rumando para você. Em outras palavras, na linha horizontal do tempo é a mortalidade do homem” (p. 100).

“As mãos de Cristo estão na horizontal; sua cabeça e seu corpo apontam numa direção diferente. Num momento de meditação, você de repente vê que pode mover-se em duas direções - na horizontal e na vertical. A vertical é feita de silêncio, beatitude, êxtase; a horizontal é feita de mãos, de trabalho, do mundo. [...] A horizontal ele conhece, mas a vertical abre uma porta para a eternidade, onde a morte não existe, onde a pessoa simplesmente se torna cada vez mais parte do todo cósmico - onde a pessoa perde todas as formas de escravidão, até mesmo a escravidão do corpo” (p. 101).

Citando a filosofia ocidental segundo a qual a vida é sem sentido - Jean-Paul Sartre, Jaspers, Heidegger, Kierkegaard e outros - afirma: “No plano horizontal ela é, porque é simplesmente agonia, dor, doença e velhice. E você está aprisionado num corpo pequeno, enquanto sua consciência é tão grande quanto todo o universo. Quando a vertical é descoberta, a pessoa começa a se mover na linha vertical. Essa linha não significa que você tem de renunciar ao mundo, mas certamente significa que você não é mais *do* mundo, que o mundo se torna efêmero, perde a importância. Isso não quer dizer que você tem de renunciar ao mundo e fugir para as montanhas e os mosteiros. Quer dizer simplesmente que - onde quer que você esteja - você começa a viver uma vida interior que antes não era possível” (p. 102).



Particularmente esta é a minha busca. Eis que no mundo não faz sentido viver por ele já que dele não levarei nem mesmo o corpo a que me encontro ocupando. Aprender e alcançar este ponto por meio da meditação da integração-interação com a completude do amor divino que se manifesta na companheira de viagem.

Digo isto, porque, talvez, só tenha experimentado o amor incondicional quando unido em espírito com o feminino, banhando-me desta energia e deixando banhar-se da minha, nesta interação-integração, conheci a sublimação do amor, que ainda não experimentei na solidão.

“Você estará no mundo mas o mundo não estará em você. As ambições, os desejos, o ciúme começarão a se evaporar. Nenhum esforço para deixar de lado essas coisas será necessário; basta um movimento seu na linha vertical e eles começam a desaparecer – porque eles não podem existir na vertical” (p. 102).

“Na linha vertical simplesmente desaparecem todas essas formas de estupidez. Você fica muito leve, sem peso, como uma flor de lótus – ela está na água, mas a água não a toca. Você permanece no mundo mas o mundo já não exerce impacto sobre você” (p. 103).

“E, para se convencer do motivo pelo qual não estão entrando em contato com uma pessoa assim, elas acharão mil e uma desculpas, mil e uma mentiras; mas o fato fundamental é que elas têm medo de se expor” (p. 103).

Em minha pobre trajetória observo imensa quantidade disto, talvez até por ser regra. O orgulho é tanto que a pessoa não se expõe a outra de modo algum, temendo o resultado. Mas, não importa o desfecho, a verdade de si mesmo é a melhor opção em todas as circunstâncias, posto que, ninguém amará verdadeiramente uma personalidade – máscara – mas uma essência, uma realidade e, por ela que se perpassa o tempo e a velhice, a decadência corporal não os separa, ao contrário os une ainda mais diante da beleza do caminho percorrido e da transcendência que podem alcançar juntos.

Na parábola do rei e do mendigo que pela burocracia não teria nenhuma chance de falar com o rei, então, esperou o momento em que estivesse sozinho a meditar. Então, o rei sentindo-se incomodado com a presença do mendigo que interrompia seu momento de silêncio e contemplação da natureza, disse para o mesmo falar o que desejava. O mendigo respondeu-lhe: “pense duas vezes antes de me oferecer algo”. Achando estranho esta atitude o rei disse-lhe você insiste em ter uma audiência comigo, agora diga o que quer e não perturbe minha paz e meu silêncio. O mendigo respondeu: “A paz que sofre perturbações não é paz. E o silêncio que sofre perturbações é apenas um sonho, não uma realidade” (p. 104).

O dialogo prosseguiu e o mendigo disse ao rei que só queria que ela enchesse sua tigela, mas ela teria de estar cheia, só assim iria embora. O rei concordou conhecendo sua riqueza e o tamanho da tigela do mendigo estava

certo que logo ele iria embora. Então ordenou que enchesse a tigela dele com diamantes e pedras preciosas. E para surpresa e espanto do rei quanto mais a enchia mais ela esvaziava, até que acabou sua riqueza acabou e a tigela ainda estava vazia.

Desesperado o rei jogou-se aos pés do mendigo pedindo-lhe perdão, pois, achava que nunca aquilo poderia acontecer. O mendigo riu e disse: “O senhor não precisa se aborrecer. Essa não é uma tigela de mendigo. Achei um crânio humano e com ele fiz essa tigela. Ele não esqueceu o velho hábito. Já olhou na sua própria tigela, na sua cabeça? Dê-lhe qualquer coisa e ela pedirá cada vez mais. Ela só conhece uma linguagem: ‘mais’. Ela sempre está vazia; é sempre uma mendiga” (p. 105).

“Na horizontal só existem mendigos, porque todos estão se precipitando para o mais, e o mais não pode ser satisfeito. Não que você não possa chegar a uma posição a que aspire, mas no momento em que você chega, há posições mais elevadas” (p. 105).

“O que é a linha vertical? A do ser cada vez menos e menos, a ponto do vazio absoluto, a ponto de não ser ninguém. A ponto de ser apenas um nome – escrito não na areia, mas na água; você acabou de assinar e já desapareceu” (p. 105/106).

“O homem da linha vertical é o *sannyasin* autêntico, o que está imensamente feliz por ser ninguém, imensamente feliz com sua pureza interior devida ao vazio, porque só o vazio pode ser puro – está absolutamente feliz com a sua nudez, porque só o nada pode estar em harmonia com o universo” (p. 106).

Este o sentido e significado de renunciar-se a si mesmo, de negar-se a si mesmo, sem perder a individualidade e sem viver a plenitude da vida.

Você não é mais um ego; o seu ‘eu’ desapareceu; mas isso não significa que *you* tenha desaparecido. Pelo contrário, o momento em que seu ‘eu’ desaparece, *you* aparece. [...] Na linha vertical você se torna cada vez mais consciência e cada vez menos corpo. Toda a identificação com o corpo desaparece. No nada, essas aves estarão dentro de você; essas flores, essas árvores e essa bela manhã estarão em você. Na realidade, não há nenhum ‘fora’” (p. 106).

“Esse é exatamente o sentido da iluminação: tornar-se tão não-existente na condição de ego que toda a existência oceânica se torna parte de você” (p.107).

“E quando o oceano desaparece na gota, a gota de orvalho está simplesmente perdendo seus limites, nada mais” (p. 108).

“Só uma coisa, uma coisa muito simples, é a essência de toda a experiência religiosa, e isso é a meditação” (p. 108).

“Procure ser apenas indiferente – a palavra de Gautama Buda é *upeksha*. Seja apenas indiferente a toda a mente e certa distância será criada – então, siga até um ponto em que todo alimento para os pensamentos termine. Eles simplesmente desaparecem; são bolhas de sabão” (p. 108).

“A velhice é uma experiência misteriosa, mas todas essas leis foram descobertas pela mente ocidental. Não pude descobrir ninguém em toda a literatura do Oriente que falasse sobre a velhice desse modo. Pelo contrário, a velhice foi louvada imensamente. Se a sua vida prosseguiu simplesmente na linha horizontal, você é apenas um velho; mas se a sua vida, a sua consciência, prosseguiram verticalmente, para cima, então você atingiu a beleza e a glória da velhice” (p. 111).

“A juventude na linha vertical é a busca da verdade, a busca da vida – o desejo de se conhecer” (p. 111).

“A velhice na linha vertical está mantendo a porta aberta para que entre o derradeiro convidado. Não é um fim; é o começo de uma vida real, de um ser autêntico” (p. 112).

“A menos que você esteja seguindo na linha vertical, você está perdendo todas as oportunidades da vida. Quando você segue na linha vertical diariamente, você está se aproximando da vida, e não se afastando dela. Então o seu nascimento não é o começo da morte; ele é o começo da vida eterna” (p. 113).

“No Oriente, ninguém diz a uma mulher idosa, ‘você parece tão jovem’. Pelo contrário, a velhice é tão respeitada e amada, que dizer a alguém, ‘você parece ter menos idade do que tem’, é considerado um insulto” (p. 113).

Evidente que não se está aqui afastando o elogio da beleza que a pessoa traz, e sim o sentido pejorativo de que a velhice é feia, tão feia que a pessoa nem apresenta ainda esta feiúra apesar da idade.

“Na linha vertical não conta os anos; conta as suas experiências. E na linha vertical está todo o tesouro da existência – não só a imortalidade, não só um sentimento de divindade, mas a primeira experiência de amor sem ódio, a primeira experiência de compaixão, a primeira experiência de meditação – a primeira experiência da grande explosão da iluminação. [...] Nem Bertrand Russel, nem Jean-Paul Sartre, nem Karl Jaspers são iluminados” (p. 115).

“O Oriente entende que a palavra iluminação não tem nada que ver com gênio, não tem nada que ver com intelecto; tem que ver com descobrir o seu ser real, autêntico. É descobrir Deus dentro de você. Assim, você não deve se preocupar com as leis. Elas estão todas na linha horizontal. Na linha vertical há amor, e não leis” (p. 116).

E cometemos o suicídio de afastarmos do amor, da essência, para nos deixar guiar pelas leis socioculturais, pelos costumes, pelos modismos, pelo conformismo dos covardes e hipócritas que não cansam de se apresentarem

sempre com autojustificativas ao invés de assumirem, harmoniosa e humildemente, seus atos.

“Há a experiência cada vez maior de se tornar mais espiritualizado e menos físico” (p. 116), quando se está na linha vertical, na experimentação e cultivo do amor dentro e fora e não das leis.

“Na linha vertical, aos poucos você sente que os desejos desaparecem, bem como a sexualidade, a ambição, a vontade de poder... Sua servidão desaparece em todos os seus aspectos – religioso, político, nacional. Você se torna mais de um indivíduo. E, com sua individualidade crescendo clara e luminosa, toda a humanidade está se tornando uma aos seus olhos – você não pode fazer discriminações” (p. 116).

“Na linha vertical, o passado é dourado, o presente é dourado, o futuro é dourado; é uma vida e muita celebração” (p. 119).

O autor faz uma incursão no tempo horizontal e afirma que a partir de uma certa idade o desejo sexual – é natural – desaparecerá. Se isto não acontecer alguma coisa errada existe. A pessoa estará presa em algum lugar do passado.

A certa idade o feminino e o masculino se manifesta em todos nós. Assim, só resta aceitar e observar, diz.

“As energias sexuais declinam – mas, com isso, podem aumentar as energias espirituais. Se se dá o passo certo, então as energias da sexualidade que declinam podem significar o aumento das energias espirituais – porque é a mesma energia que toma um ritmo ascendente. E quando o interesse sexual diminui, há uma possibilidade maior de intensificar suas energias” (p. 124).

Então, será um crime castrar o sexo antes do tempo de seu declínio, porque assim, a pessoa jamais estará libertada, será livre, porque presa a um passado de desejo não experimentado.

“Apenas se torne cada vez mais consciente, e essa consciência trará uma atitude totalmente nova. Você saberá que não é nem homem nem mulher. Ser mulher era apenas um papel – agora isso é substituído por outro; a parte rejeitada veio à luz [com o homem a mesma coisa]. A parte conquistada agora se tornou o conquistador; mas você não é nenhuma das duas – eis por que esse jogo é possível. [...] Então, uma terceira entidade, que não é nem uma coisa nem outra, torna-se clara – você é apenas um ser que testemunha, uma alma que testemunha” (p. 121/122).

“Isso é o que as religiões chamam de transcendência, de transcendente – e o homem é o único animal capaz de transcender a si mesmo. Essa é a sua beleza – ele pode transcender o homem, a mulher, este papel, aquele papel, o bom, o mau, o moral, o imoral. Ele pode transcender tudo e chegar a um ponto em que ele é apenas pura consciência, apenas uma sentinela na colina” (p. 122).

“Os homens não se parecerão muito com homens e as mulheres não se parecerão muito com mulheres. Haverá mais seres humanos no mundo, além de homens e mulheres... e esse é um mundo totalmente diferente – de seres humanos...” (p. 125).

“E quando o sexo desaparece, o velho tem um amor, uma compaixão de um tipo totalmente diferente. Não há luxúria no seu amor, nem desejo; ele não quer conseguir nada com isso. Seu amor tem pureza, inocência; ele é alegria” (p. 126).

“Nesse conhecimento, toda a energia, a energia sexual, é transmutada em amor, em compaixão. A pessoa esbanja alegria. Então, o velho é o homem mais belo do mundo, o mais ‘limpo’” (p. 126).

“Ou o velho se torna o homem mais bonito do mundo, porque atinge uma inocência [é a infância madurecida, é o ser como uma criança], que é a mesma de uma criança, ou chega a uma inocência ainda mais profunda que a da criança... ele se torna um sábio” (p. 127).

Portanto, “cresça, torne-se mais maduro, mais alerta e consciente. E a velhice é a última oportunidade que lhe é dada: antes de a morte vir, prepare-se. E como alguém se prepara para a morte? Dedicando-se mais à meditação. Se alguns desejos ocultos ainda estão ali, e o corpo está envelhecendo sem ser capaz de satisfazer esses desejos, não se preocupe. Medite acerca desses desejos, observe, esteja atento. Pelo simples fato de estar atento, alerta e vigilante, esses desejo e a energia neles contida podem ser transmutados; porém, antes que a morte chegue, livre-se de todos os desejos” (p. 128/129).

“Então, há um desejo puro – este é divino, é Deus. Então há pura criatividade sem objeto, sem destinatário, sem direção, sem um alvo – apenas energia pura...” (p. 129).

De modo que o ser humano passa a ser integrado ao Universo emanando sua energia a todos indistintamente e não direcionada a pontos determinados da existência.

Das amarguras “advêm a raiva, o ciúme, a violência, o ódio – todos os tipos de negatividade. A pessoa está reclamando continuamente, mas a queixa dela está em algum lugar lá no fundo. Trata-se de um lamento contra a existência: ‘o que eu estou fazendo aqui? Por que estou aqui? Nada está acontecendo. Por que sou forçado a estar vivo, se nada está acontecendo? O tempo continua passando e a vida permanece sem nenhuma bênção. Isso cria a amargura” (p. 129/130).

E assim, as pessoas se tornam rabugentas, velhos rabugentos, infelizes que não aceitam a felicidade dos outros, a felicidade a sua volta.

“Não podem aceitar que as crianças sejam felizes, que dançam, cantem, soltem gritos de alegria – eles não toleram isso. Isso é um aborrecimento para eles porque sua vida já passou” (p. 130).

“Só uma pessoa que despertou pode ser doce na velhice – porque a morte está chegando, a vida se foi, não há motivo para ser feliz? A pessoa simplesmente está com raiva” (p. 131).

E despertar significa encontrar sua essência e segui-la, encontrar-se com Deus e seguir o amor, viver o amor, cultivar o amor em todos os níveis que possamos concebê-lo. Enquanto a pessoa se sujeita a um sistema de aprisionamento, seja ela qual for, sutil ou não, ela se reprime, ela reduz e aprisiona a criança que dentro dela deve amadurecer. Passa pela vida, não vive. Adquire conhecimento científico a ponto de o transmitir com habilidade e tenacidade, mas, não evolui, não amadurece.

“A amargura é um estado de ignorância. Você tem de ir além dela, tem de assimilar a consciência que se torna uma ponte para levá-lo além. E esse mesmo processo é uma revolução” (p. 131).

E toda revolução é traumática dentro e fora. Dentro porque coloca em choque a personalidade, as regras, as culturas com a essência e, fora porque se torna um estranho aos olhos daqueles que estão habituados ao antigo e o querem de volta a qualquer preço, pois, dele se alimentavam da energia fácil e, temem com a mudança, não alcançarem mais este alimento.

Por isto, há uma tendência a evitar esta mudança, na medida que ela traz para o neófito uma sensação de perda de bens, poder e de pessoas queridas – o afastamento momentâneo pode ocorrer – mas o tempo encarregará da reaproximação quando perceberem a nova pessoa, verdadeiramente amorosa e brilhante que se tornou. Poderão se alimentar mais facilmente de sua força.

Este período de transição o autor aborda e faz a seguinte indagação: Se a pessoa for livre somente para fazer o que se estabeleceu como correto, que tipo de liberdade será esta? E responde: “Se você só for livre para agir correto, então você não é livre. A liberdade implica ambas as alternativas – agir corretamente e agir errado. A liberdade implica o direito de dizer sim ou dizer não” (p. 132).

Interessante observação porque tanto no que denominamos certo e errado, ninguém pode ser condenado. Primeiro, porque a física quântica demonstrou que esta realidade, na verdade não realidade. Segundo, porque o aprendizado rumo a apuração do espírito – processo evolutivo – significa permitir-se escolha e, mais tarde, vir a saber que tal era “errada”, dentro da relatividade do certo e errado. Terceiro, porque na dimensão racional-material não temos como auferir ou aferir a grandeza do universo e de nós mesmos de sorte a dizer que esta ou aquela escolha é errada. Quarto, porque Deus o Onipotente nos concedeu o maior bem que se possa conceber: o livre arbítrio, e este ninguém pode nos subtrair, reduzir, limitar, somos livre para este amor divino.

E quando se fala em escolha falamos de “sim” e de “não”. E por que somos dados ao “não”? Porque o sim não exige dialogação. O sim é imediata anuência, adesão, aceitação. O sim, portanto, para aquelas pessoas ainda presas na dominação, representa sempre perda de poder e de status. Por isto, o não ganha conotação de destaque. Dizer não significa ostentar o poder, o orgulho de sua própria dominação. O não está no campo da dialética e não da dialógica. Ele exige sempre um debate e, portanto, a uma posição de poder e ostentação.

“O não lhe dá certo sentido de liberdade; e não só isso, também lhe dá certo sentido de inteligência. Dizer sim não requer nenhuma inteligência. Quando você diz sim, ninguém lhe pergunta por quê. Quando você já disse sim, quem se importa em lhe perguntar por que? Não há nenhuma necessidade de qualquer raciocínio ou discussão; você já disse sim.” (p. 133).

“O não define mais claramente do que o sim. Este é vago, é como uma nuvem. O não é bem concreto e substancial, como uma pedra” (p. 132).

Eis, portanto, o perigo deste “jogo mental” que molda nossa personalidade, porque traz, não raro, dissensões inúteis e conseqüentemente, desamor. Pois, “ao dizer não ela está saindo do útero psicológico da mãe. Até mesmo quando não há necessidade de dizer não, ela diz não. Até mesmo quando dizer sim a beneficia, ela dirá não” (p. 132/133).

Dito isto, o que importa frisar é que toda escolha deve ser consciente, deve repousar naquele ponto da consciência-espírito livre de culpa, condenações, condicionamentos, limites reducionistas socioculturais, pré-conceitos (assim mesmo) e dominações do orgulho e egoísmo.

Não quer isto significar que devemos sair dizendo “não” aqui e acolá. De forma alguma. Mas, compreender que o “sim” não representa diminuição ou degedro quando pronunciado com o entendimento consciencial-essência.

Pois, “sem o sim, não há nenhuma harmonia; o sim é harmonia. Mas leva tempo crescer, amadurecer, chegar a essa maturidade em que você pode dizer sim e ainda continuar livre; em que você pode dizer sim e ainda continuar único; em que você pode dizer sim sem se tornar um escravo.” (p. 134).

E por que isto? Porque “a liberdade que nasce do não é uma liberdade muito infantil. Ela é boa para pessoas entre sete e catorze anos. Mas se uma pessoa fica presa nessa liberdade e se toda a sua vida se resume em dizer não, então ela parou de crescer” (p. 134).

“O crescimento máximo é dizer sim com tanta alegria quanto uma criança ao dizer não. Essa é a segunda infância. E o homem que pode dizer sim com grande liberdade e alegria, sem hesitação, sem amarras, sem condições – uma alegria pura e simples, um sim puro e simples –, esse homem tornou-se um sábio” (p. 134).

O que isto representa senão a concretização do único cultivo que devemos nos deter: do amor, do verdadeiro amor, do amor livre, incondicional.

“Eu não estou dizendo para você não aprender a dizer não. Estou dizendo para você aprender a dizer não quando for a hora de dizer não, sem se prender a ele” (p. 135).

O autor explicita os modos de ação e de recepção. Isto é, um está para fora e o outro está para dentro e cita exemplo em Jesus e Krishna, o primeiro pela ação e o segundo pela recepção-emanção.

“Há um modo de ação; este é o modo exterior. E há um modo de inação também: você não faz nada, simplesmente deixa acontecer. Nós esquecemos essa linguagem. Essa linguagem esquecida tem de ser aprendida novamente. [...] Passe cada vez mais do modo de ação para o modo receptivo, passivo. Não estou dizendo para deixar o mundo da ação – porque isso o deixará desequilibrado novamente. Nesse momento você está desequilibrado. Você só tem um modo para a sua vida, e esse é a ação, fazer algo. Há pessoas que não podem pensar em se sentar em silêncio; isso é impossível. Elas não podem proporcionar a si mesmas um momento de relaxamento. Só estão interessadas na ação. Se algo estiver sendo feito elas estão interessadas.” (p. 136/137).

Portanto, é preciso ter um equilíbrio na ecologia interna e externa. O “eu” consciência-essência com o “eu” consciência-mente. Isto é proporciona a pessoa a abertura para a compreensão de si mesma e de sua individualidade, dimensão e divindade.

“Na realidade, não há nenhum esforço, nem o de olhar para a flor. Isso não requer esforço. Seus olhos estão abertos, a flor está ali... Cria-se um momento de profunda comunhão quando o que é olhado e quem olhar desaparecem. Então, há beleza, há bênção. De repente, você não é o observador, e a flor não é o observado – porque, para observar, ainda deve haver alguma coisa. Agora você está ali e a flor está ali, e de alguma maneira você sobrepõe os limites um do outro” (p. 137).

Chamo isto de integração-interação. É perceber que a mesma energia que viceja no “ser” observado viceja na pessoa-observador. É perceber a comunicação destas energias e o Todo que elas integram em perfeita harmonia do “sim”.

“Esses momentos raros têm de ser criados cada vez mais. Eu não posso dizer que eles têm de ser cultivados, não posso dizer que você deve treinar para esses momentos, não posso dizer que você tem de fazer algo – porque outra vez isso será usar a linguagem do modo de ação e será algo muito mal interpretado. Não; eu só posso dizer que você aceite esses momentos cada vez mais” (p. 138).

“Sentado no jardim, você só começa a sentir que está desaparecendo. Apenas veja como se parece o mundo quando você se afastou dele, quando



você não está mais aqui, quando você ficou absolutamente transparente. Por um único segundo, tente apenas não existir” (p. 138).

Só por meio da meditação pode-se conseguir experimentar esta emoção. E é muito difícil atingir este ponto em razão do “barulho mental”. Silenciar a mente é possível alcançar este êxtase.

“Torne-se um fantasma. Sentado em sua cadeira, você simplesmente desaparece, simplesmente pensa, ‘Não tenho mais realidade; eu não existo’. E veja apenas como a casa continua. Haverá grande paz e silêncio. Tudo continuará como está. Sem você, tudo continuará como está. Nada se perderá. Então, de que vale ficar sempre ocupado, fazendo algo, obcecado pela ação? De que vale? Você terá ido embora, e tudo o que teve feito desaparecerá...” (p. 138/139).

É a experiência da transcendência. Abandonar o materialismo e os apegos de sorte a compreender a si mesmo e integrar-se ao Universo e interagir com todos os seres, com a mesma “energia cósmica” que é você e todos.

“A idéia de que somos seres excepcionais gerou uma cisão entre você e a existência. Essa cisão causa todos os seus medos e a sua infelicidade, causa angústia desnecessária e a ânsia em você. E todos os seus assim chamados líderes, quer religiosos, políticos ou sociais, enfatizam a cisão; eles a aumentaram. Não houve um único esforço para superar a cisão, para levar o homem de volta à Terra, para levá-lo de volta aos animais, pássaros e árvores, e para declarar uma unidade absoluta com a existência” (p. 149).

“Quando você se torna cada vez mais consciente para o fato de que sem você o mundo continua perfeitamente bem, então você pode conhecer outra parte do seu ser que fora negligenciada por muitas vidas – e essa é o modo receptivo. Você simplesmente permite, você se torna uma porta. As coisas prosseguem acontecendo sem você” (p. 139).

Não há, pois, a perpetuidade material. Legados inexistem; mais cedo ou mais tarde desaparecem. E o nome, honra, glória, perde-se no pó do tempo.

“A Cristandade tornou-se ativa. O missionário cristão continua a servir os pobres, vai ao hospital, faz isto e aquilo, e todo o seu esforço é fazer algo bom. Sim, muito bom – mas ele permanece no modo de ação, e Deus só pode ser conhecido no modo receptivo.” (p. 140).

Todavia, entendo que como o próprio autor não é abandonar a ação, mas devotar ao silêncio, à viagem interior, à meditação. Assim, ação e meditação completa o círculo, torna visível o ser em potência que somos e não seres em ato, isto é acabado, como quer o mundo e seus intelectuais.

“Fazer um bom trabalho é uma coisa, e ser bom é totalmente diferente. Não estou dizendo que você não faça bons trabalhos. Estou dizendo: deixe que os bons trabalhos nasçam do fato de você *ser* bom [...] E quando o seu ser interior floresce e você é obrigado a conhecer a integração por dentro – que

sempre está lá, o centro sempre está lá – quando você tiver reconhecido esse centro, de repente a morte desaparecerá para você. De repente, todas as preocupações desaparecem porque agora você não é mais um corpo, não é mais uma mente” (p. 141), você deixa de ser matéria.

“Então, a compaixão surge, o amor surge, a oração surge. Você se torna uma chuva, uma bênção para o mundo. Agora, ninguém pode dizer o que acontecerá a esse homem – se ele irá e se tornará um revolucionário como Jesus, se perseguirá os prestamistas do templo, ou se irá e servirá os pobres, ou se continuará apenas sentado sob a árvore bodhi, espalhando seu perfume, ou se se tornará uma Meera e dançará e cantará a glória de Deus” (p. 141).

Isto porque ele se tornou livre; ele é livre, ele é só potência, ele é para tudo e para todos e não é. Ele é visto e passa, mas não se o pode deter, dominar, estabelecer limites, condicionantes, qualquer peia. Ele se torna uma águia, uma gaivota desterrada.

“Todo o meu esforço aqui é deixá-lo consciente de que nada é necessário, nada mais é necessário. Você já tem isso, existindo em você” (p. 141). Todos temos.

O segredo está em fazer somente o que gosta, o que lhe dá prazer. O que ama. Se não gosta, se não quer NÃO FAÇA.

Essa técnica, diz o autor, “no princípio parece muito difícil. Se você tentar, achará simples. Se não tentar e só pensar nela, parecerá muito difícil [observe-se que se sai do campo da recepção para a ação em si, para a recepção]. A técnica é: só faça aquilo de que gosta. Se não gosta, não faça. Tente – porque o prazer só advém do seu centro. Se você está fazendo algo e gosta disso, você começa a se ligar de novo no centro. Se você faz algo de que não gosta, está desligado do centro” (p. 142).

“Você está caminhando pela estrada; de repente, reconhece que não está desfrutando o passeio. Pare. Terminou – isso não deve ser feito” (p. 142). Simples, ato simples, mas difícil de se conseguir, o que me lembra as titulações recebidas quando se faz somente o que gosta e com o mesmo prazer recusa fazer o que não gosta.

Exemplificando o autor narra um fato ocorrido na aula de matemática em que ao se levantar o professor disse: aonde vai? Se não pedir não entrará de novo! Ele respondeu: não se preocupe porque não vou voltar. “Eis porque não estou pedindo”. Para concluir que submeter-se a algo (no caso matéria) que não pode gostar, “é ma tortura, uma violência” (p. 143).

“Se as pessoas acham que você está louco [por ser assim evidentemente], que achem. Em alguns dias, por sua própria experiência, você irá descobrir como estava se afastando de você mesmo. Você estava fazendo mil e uma coisas, de que jamais gostava, e ainda as estava fazendo porque lhe ensinaram assim. Você só estava cumprindo o seu dever. As pessoas

destruíram até mesmo essa coisa bonita que é o amor. Você volta para casa e beija a mulher porque tem de ser assim, isso tem de ser feito. Agora, algo tão bonito como o beijo, algo semelhante a uma flor, foi destruído. Aos poucos, sem ter prazer nisso, você continuará beijando sua mulher; esquecerá da alegria de beijar outro ser humano” (p. 143).

Eis a importância de compreender a individualidade e dimensão de si mesmo, a integração-interação de sorte a poder estar no mundo sem ser do mundo, vivendo no mundo, sem viver para o mundo, sendo livre e canteiro de amor.

O encontro consigo mesmo só se dá neste nível. “O centro está disponível quando você é cálido, quando está fluindo, fundindo-se, apaixonado, alegre, dançando, em júbilo. Isso cabe a você. Continue fazendo apenas as coisas que você realmente gosta de fazer. Se você não gosta, pare” (p. 144).

Por isto, “não se comprometa; flutue apenas. Deixe que haja um fluxo de energia. Deixe que ela flua, que se encontre com outras energias que o cercam. Em breve, você poderá ver que o problema não era saber como se tornar integrado; o problema era que você não sabia mais como fluir. Numa energia que flui, você está sempre integrado” (p. 144).

O significado de “não se comprometer” não é o de não se complementar, mas o de não se condicionar.

“O segredo é que deve haver algo de que você começou a gostar. Esse é todo o segredo. Um pintor pode ter fome e pintar, e ainda assim você pode ver o contentamento em seu rosto. Um poeta pode ser pobre, mas quando ele está cantando a sua canção, é o homem mais rico do mundo. Ninguém é mais rico do que ele. Qual é o segredo disso? O segredo é que ele está desfrutando esse momento.” (p. 144).

“Aquilo que você está buscando já está em você. Não está no futuro. Não tem nada que ver com o futuro. Já está aqui e agora; esse é o caso” (p. 145).

Esta é a transformação. A transição. Por isso, é o renascimento do ser. Não há o que temer.

“Todo nascimento implica morte e toda morte implica nascimento. Todo nascimento é precedido por uma morte e a toda morte sucede um nascimento. Conseqüentemente, a existência não tem medo. Não há medo em nenhum lugar exceto na mente do homem” (p. 146).

“A vida e a morte são apenas como duas asas de um pássaro, que acontecem simultaneamente. Nem a vida pode existir sem a morte, nem a morte sem a vida. Obviamente, elas não são opostos; obviamente, são complementares. Precisam uma da outra para existir; são interdependentes. Elas são parte de um todo cósmico” (p. 147).

Assim, com o renascimento, pela meditação, alcança-se a maturidade. Com a maturidade, todos tornam-se como uma criança.

“A inocência da velhice é rica. É rica em experiência; é rica em fracassos, em sucessos; é rica em ações certas, em ações erradas; é rica em todos os fracassos, em todos os sucessos; é rica multidimensionalmente. Sua inocência não pode ser sinônimo de ignorância” (p. 148).

Quando você esteja absolutamente consciente de que a morte não é o fim. Na existência, nada começa e nada acaba [é o contínuo da duração em potência]. Basta olhar ao redor... a noite não é o fim nem é a manhã o começo. A manhã está se movendo para noite e a noite para a manhã” (p. 149).

A física quântica defende a tese de que tudo pode ser criado e recriado, nossa realidade. Há quatrilhões de opções e sinapses cerebrais que não percebemos, esta é a realidade que pode fluir se quisermos, plasmando-a, isto é, tudo está à disposição. O autor filia-se nesta tese quando diz: “você pode estar absolutamente convencido de que nada começa algum dia, mas sempre esteve lá; nada termina, sempre permanecerá lá” (p. 149), em potência.

O engessamento da existência perpetuado pelo mundo e suas instituições religio-mecanicistas, a idéia de que apenas tem vida, não vive porque limitado, condicionado, “já é um fardo na existência, de que só está numa fila que se move a todo momento para o cemitério. Trata-se de um dos maiores fracassos de todas as culturas e de todas as civilizações no mundo o fato de elas não terem podido dar uma vida significativa, uma existência criativa para os seus velhos; de que elas não foram capazes de transmitir uma beleza sutil e graça, não apenas aos velhos, mas à própria morte” (p. 149).

Importante abordagem é o fato do autor referir-se aos “santos” porque não temos a coragem que tiveram e, portanto, os veneramos, o que para ele não é santo, porque não viveram, já estavam mortos. Diz: “O santo não pode morrer porque ele já morreu. Ele renunciou a todos os prazeres, a todas as alegrias; tudo o que a vida oferece, ele rejeitou. Ele devolveu o ingresso à existência, dizendo, ‘Não faço mais parte do espetáculo’. E fechou os olhos” (p. 150).

E conta a história de um santo que o visitou e ele o levou ao jardim para apreciar a beleza das flores naquela manhã de sol. Um tanto decepcionado e irritado o santo, condenando-o, disse: “Pensei que você fosse uma pessoa religiosa... e você ainda está apreciando a beleza das flores?” (p.150).

Então, concluiu: “Em um ponto ele tem razão, se você está apreciando a beleza das flores, você não pode deixar de apreciar a beleza dos seres humanos. Não pode deixar de apreciar a beleza das mulheres; da música e da dança. Se você estiver interessado na beleza das flores, você demonstra que ainda está interessado na vida, que ainda não pode renunciar ao amor. Se você está atento à beleza, como pode deixar de amar?” (p. 150/151).

Disto decorre o que proclamamos neste trabalho: a única riqueza a ser cultivada é o amor. “A vida é outro nome para o amor, e o amor não é nada senão ser sensível à beleza. Eu disse a esse assim chamado santo, ‘Posso renunciar à religião, mas não posso renunciar à vida, porque ela foi dada a mim pela própria existência. E a religião é só algo artificial, fabricado pelos padres e pelos políticos – fabricado para privar o homem da alegria dele, privar o homem da sua dignidade, da sua própria humanidade’” (p. 151).

“Não importa se a vida está acontecendo nem se a morte está acontecendo, sua canção não é perturbada, sua dança não vacila” (p. 151). Isto é, você continua sendo e existindo, e vivendo e amando.

A idolatria perigosa: “Venerar estátuas, entoar mantras artificiais, pagar tributos aos que foram covardes e escapistas e não foram capazes de viver a vida porque tinham muito medo da morte, e ainda chamá-los santos- a religião distraiu o homem da religiosidade verdadeira e autêntica” (p. 152).

É tempo de despertar, pois, “você foi dominado e dirigido por pessoas erradas. Talvez elas tenham sido seus profetas, seus messias, seus salvadores; talvez tenham sido suas encarnações de deuses, mas elas todas foram criminosas no sentido em que o privaram da vida e encheram-lhe o coração de medo” (p. 152/153).

Onde nos situamos ainda, podemos fazer grandes coisas ou coisas grandes, mas continuaremos presos e açodados.

“Alcançando o mundo exterior, você pode alcançar outros astros mas continuará infantil. Mesmo que alcance a Lua, o que vai fazer lá? Você será o mesmo! Com o mesmo lixo na cabeça, com todo o esterco de vaca sagrada que você continuará levando no coração, você estará de pé na Lua. Não haverá nenhuma diferença! Você pode ser um homem pobre, pode ser muito rico; você pode ser absolutamente anônimo, pode ser mundialmente famoso – dá no mesmo. A menos que a mente dê uma volta e comece a se mover para dentro, a menos que a mente assuma uma dimensão totalmente nova e se torne meditação...” (p. 154).

É a re-ligação (assim mesmo), a religiosidade, a espiritualidade, é o espiritualizar-se de modo a compreender a liberdade em si mesmo, o amor em si mesmo, de sorte a não ser dono do outro ou das coisas, mas de ser e deixar ser. Crescer é fazer crescer. Quem se mergulha no jogo de culpa e acusações, responsabilizando-se pelos outros e pela liberdade dos outros, é porque ainda aprisiona e é aprisionada.

“A meditação é a mente se voltando para a sua própria fonte. A meditação o faz amadurecer; a meditação o torna adulto. Crescer em idade realmente não é se tornar adulto, porque vejo pessoas de oitenta anos que ainda jogam jogos, jogos feios de poder político... O sono parece ser tão profundo. Quando é que eles vão despertar? Quando pensarão no mundo interior?” (p.154/155).

Inicia-se, destarte, o processo de tomada de consciência e assunção da própria individualidade. A busca do elo perdido entre o homem e o Criador, entre o homem e o Universo; aquele elo que o re-liga (assim mesmo) à fonte vivificante de amor e puro amor. O desprendimento acontece o *insight* acontece, há o despertar do homem-criança dentro e fora, este é o homem adulto e maduro, porque não mais infantil, mas como criança.

“A maturidade é saber algo em você que é imortal, saber algo em você que transcenderá a morte – isso é meditação. A mente conhece o mundo; a meditação conhece Deus. A mente é um modo de entender o objeto; a meditação é um modo de entender o sujeito. A mente é uma preocupação com os conteúdos, e a meditação é uma preocupação com o recipiente, a consciência” (p. 155).

“Procure o céu interior. E se você o achar, então nunca morrerá. O corpo morrerá, a mente morrerá, mas você nunca morrerá. E conhecer isso é saber viver. O que você chama vida não é a vida real, pois irá morrer” (p. 155).

Relembremos o que foi dito acima relativamente à realidade material. Esta realidade não é nada mais que mera representação, não é real, porque pode ser (e sempre deve ser) recriada. Se não nos fosse permitido recriar nossa realidade, libertarmo-nos de todas as grades impostas, ninguém, nem monges, nem sábios, nem Cristo, teria atingido este ponto culminante da existência: a religação com a fonte e origem de tudo, DEUS.

Portanto, é preciso ter a coragem de soltar as amarras, de quebrar as grades, romper as correntes e sentir-se em si mesmo e integrado ao Universo e interagido com todo amor. Quer isto dizer, romper mesmo com todos os moldes que são impostos pela cultura, sociedade, costumes, religião, educação, estado, e principalmente, o nosso conformismo.

“A menos que você mate algumas pessoas, nunca se tornará maduro. Você tem de matar seus pais, tem de matar seus mestres, tem de matar seus líderes. Eles estão todos clamando dentro de você, e não lhe permitem se tornar uma pessoa adulta – eles continuam a mantê-lo como criança. Fazem de você alguém dependente, não lhe permitem a independência” (p. 156).

Esta morte que o autor se refere não é a morte do banimento, nem a morte física (crime). Definitivamente! Mas, é a morte da superioridade dominante de todos aqueles que sobre a pessoa representa um domínio, tem um poder dominante e controlador.

A educação é primada pelo condicionamento e aprisionamento. “Tudo foi ordenado e se esperava que você obedecesse [e só, sem discussão, sem por quês]. Você se tornou muito dependente – sempre continuará procurando figuras paternas, sempre continuará procurando autoridades que lhe digam o que deveria ser feito, o que não deveria ser feito” (p. 157), e, dessa forma, a pessoa não vive segundo sua “esseidade” mas segundo o achismo ou o “opinismo” alheio.

“A maturidade significa compreensão para se decidir por si mesmo, compreensão para ser decisivo por conta própria. Caminhar com os próprios pés – eis o que é a maturidade; mas ela raramente acontece, porque os pais estragam quase todas as crianças, mais ou menos. E tem a escola e a faculdade e a universidade – todas prontas para estragar você. É muito raro que alguém amadureça” (p. 157).

Aqui peço licença para dizer sobre o pecado. Todos trazemos dentro a autocondenação por nos destoaarmos de paradigmas radicalizados. Mas como conceber um Deus condenador se o agir certo ou errado não é livre, está sempre condicionado aos pais, à sociedade e seus reducionismos e peias? Como conceber um Deus que nos condene por seguir, numa devoção cega, uma imposição dominante contra a qual sequer temos percepção? É bom refletir sobre isto, pois, se se quer pagar pelos pegados que sejam eles cometidos de forma consciente e livre.

“Conduza sua vida com suas próprias mãos – ela é *sua*. Você não está aqui para satisfazer as expectativas de ninguém mais. Não viva a vida de sua mãe nem a de seu pai, viva a sua vida” (p. 161).

Concordo inteiramente com o autor, raramente alguém amadurece, porque ou as pessoas estão subjugadas ou querem viver uma vida aparente que não lhes é própria. Justamente porque lhe falta coragem de assumir a si mesmo e expor o que sente. Liberdade não é violação de si, nem exposição é ridicularizar-se. Mas juntas é o estabelecimento de sua própria dimensão. A repulsa que ocorre se deve ao fato de que “a sociedade não está feliz com as pessoas maduras” (p. 157).

Então, para a maioria é muito mais fácil a acomodação conformista dos covardes, soterrando-se a si mesmo, isto é, morrendo e não vivendo, para não sofrer esta repulsa, que, acreditem, com o tempo é sedimentada na medida que todos alimentarão da nova luz do ser humano amadurecido.

Porque a pessoa madura, diz o autor: “Ela continua a agir por ela mesma – não se aborrece com o que os outros dizem, com a opinião deles. Não quer respeitabilidade, prestígio; não liga para honras. Vive sua própria vida – vive-a a qualquer preço. Está pronta a sacrificar tudo, mas nunca está pronta a sacrificar sua liberdade” (p. 157).

“Assim, a maior tarefa para um homem que realmente quer se tornar livre, que realmente quer se tornar consciente, que realmente quer sair de seu estado hipnótico – que não quer limitações de qualquer tipo, que quer fluir numa existência total – essa tarefa é ter de deixar muitas coisas a partir de dentro. E quando eu digo, ou quando Buda diz, que você tem de matar sua mãe e seu pai, isso não significa que você tem de ir em frente e matar de fato seu pai e sua mãe – mas o pai e mãe que você está levando em você, a idéia” (p.158).

É fácil descobrir isto, pois, não raro aquela voz ecoa na mente da pessoa quando faz algo que diante dos preceitos paternos, culturais, sociais,

políticos e religiosos toma corpo de “errado” que diz: “Não faça isso!” (p. 159).

Mas quem diz isto senão aquela idéia-referência e dirigente que aprisiona!

“Se você vai fazer amor com uma mulher ou com um homem de repente todos os mestres lá se encontram de pé numa fila, dizendo, “Você vai cometer um crime, vai cometer um pecado. Cuidado! Essa é a armadilha. Escape antes que seja tarde demais” (p. 159).

“É muito raro achar um homem ou uma mulher que realmente mergulhe de todo no amor – você não mergulha, porque por muitos anos ensinaram-lhe que o amor é algo errado. Como você pode deixar isso de lado de repente? A menos que você seja capaz de assassinar todas essas vozes... é preciso grande coragem. Você tem de estar pronto para deixar de lado a voz dos pais, das autoridades, pronto para penetrar o desconhecido sem nenhum mapa, por conta própria. Pronto para o risco” (p. 159).

Isto é assumir a si mesmo, é expor-se, é libertar-se. A partir deste momento a pessoa poderá assumir os seus “pecados”, pois, antes disto é uma infante teleguiada pelo guante ditador do mundo físico.

“Mate todas as impressões dentro de você imediatamente. Purifique-se por dentro de todas as velhas fitas, desembarace sua mente” (p. 160).

Porque, “sem maturidade a vida não vale nada, porque tudo o que é belo só acontece numa mente madura, tudo o que é grande só acontece numa mente madura. Ser adulto é uma bênção; mas as pessoas simplesmente envelhecem, elas nunca se tornam adultas” (p. 160).

Adverte o autor, e com razão, que atitude madura não é ser maduro. Com efeito! Atitude de aparência nunca é nada. É falsidade, é hipocrisia, é mentira, e mentira não é realidade, não pode ser verdade.

“Ser maduro não significa adotar uma atitude madura. Na realidade, adotar um atitude madura será uma das maiores barreiras para se tornar maduro. A adoção significa algo imposto, significa algo cultivado, praticado. Não está nascendo de você. Trata-se de uma máscara, de um rosto pintado; não é o ser real... Sua maturidade é apenas superficial, ou nem mesmo isso” (p. 161).

Apenas seja! Seja sua essência, seja você mesmo. Sempre que o seu “eu” é limitado em razão de algo externo (adoção de preceitos), então, a pessoa deixa de ser.

“A adoção é uma barreira ao ser. E o único modo de ser é começar do começo. Pelo fato de seus pais não o terem aceitado na sua infância, você está preso em algum lugar. A idade mental das assim chamadas pessoas normais não é superior a dez e treze anos, nem mesmo catorze! E você pode ter



setenta ou oitenta anos, mas sua idade mental continua presa em algum lugar antes de você ter se tornado sexualmente maduro” (p. 162).

Com isto a pessoa vai soterrando cada vez mais sua essência. Vai se aniquilando, porque “uma falsidade tem de ser secundada por outras falsidades, uma mentira tem de ser apoiada por outras mentiras, e então isso não tem fim. Você se torna apenas um monte de lixo – eis o que é a personalidade” (p. 162).

“A individualidade é a sua realidade, não é um artigo de vitrine. A pessoa pode escavar tão fundo quanto quiser em você e ela sentirá o mesmo sabor... A individualidade é um todo, é orgânica. A personalidade é esquizofrênica: o centro é uma coisa e a circunferência é algo mais, e elas nunca se encontram. Não só elas nunca se encontram, não só são diferentes, como também são diametralmente opostas uma à outra, estão numa luta constante. Assim, a primeira coisa a entender é: nunca adote uma atitude madura. Ou seja maduro ou imaturo. Se você é imaturo, então seja imaturo – sendo imaturo, você estará dando ocasião para o crescimento” (p. 162/163).

“Não há nada errado em ser infantil. Pelo fato de você ter achado que algo está errado em ser infantil, você começou a adotar atitudes... Uma criança é uma criança; ela tem de ser infantil. Mas isso não é permitido, assim, as criancinhas se tornam diplomatas – elas começam a fingir, começam a se comportar de maneira falsa, elas se tornam mentiras desde sua origem, e a mentira continua crescendo” (p. 163/164).

Ora, se “você carrega tudo o que lhe é necessário, é uma dádiva de Deus”, então é força convir que nascemos grandes e a medida que crescemos fisicamente nos tornamos pequenos; nascemos águia e nos tornamos galinhas, porque, “todo mundo nasce com a verdade em seu ser – a vida é a verdade; mas você começou a aprender mentiras” (p. 164).

A advertência é pertinente: “Deixe de lado todas as mentiras. Seja corajoso – e, é claro, você sentirá um grande medo se agitando em você, porque, sempre que você deixa de lado a personalidade, sua infantilidade, que nunca foi permitida, vem à superfície. E você sente medo: ‘O que? Vou ser infantil a esta altura? Quando todo mundo sabe que eu sou um grande professor, ou um médico, um engenheiro?’ O medo surge – o medo da opinião pública, do que as pessoas pensarão” (p. 164).

Aqui, exsurge novamente espaço para falar do amor, sua sustentação em nosso ser, em nossa vida, pois, “se você sente, então isso tem beleza, é uma rosa de verdade. Se está simplesmente fingindo, massageando seu ego masculino, apoiando-o porque você tem alguns objetivos a alcançar por meio dele, então é uma flor artificial, uma flor de plástico” (p. 164).

“O mundo não é o problema. As pessoas assim chamadas religiosas continuam dizendo, ‘Renuncie ao mundo’. Eu digo a você que o mundo não é o problema. Renuncie à falsidade – *esse* é o problema. Renuncie ao artificial – *esse* é o problema. Não há necessidade de renunciar à sua família, exceto a

de renunciar a toda aquela pseudofamília que você criou. Seja verdadeiro, autêntico. Às vezes, será muito doloroso ser verdadeiro e autêntico – isso custa caro” (p. 165).

“Entretanto, você deixará escapar a verdade que vinha trazendo em sua alma. Então você nunca saberá o que é Deus, porque Deus só pode ser conhecido dentro de você” (p. 165).

Citando Nietzsche o autor afirma que insistimos na mentira, na criação de uma falsidade sociofamiliar. “Elas funcionam como uma lubrificação; você não vai para a frente se entrar em conflito com as pessoas. Você sorri e o outro sorri – essa é a lubrificação. você pode estar se sentindo nervoso, pode estar cheio de raiva, mas prossegue dizendo à sua mulher, ‘Eu te amo’. Expressar a raiva é entrar em dificuldade” (p. 166).

“Não há nenhum compartimento impermeável guardando ódio e o amor; eles estão juntos, misturados. São a mesma energia. Se você reprimir a raiva, também terá de reprimir o amor” (p. 166).

“As pessoas só fingem que amam porque espera-se que amem. Amem seus filhos, sua mulher ou marido, seus amigos, porque espera-se que façam certas coisas. Elas fazem essas coisas como se fossem deveres” (p. 166).

Na verdade cumpram-se um “protocolo” sociofamiliar. As pessoas mergulham na própria fantasia e com o tempo não são capazes de distinguir a mentira de sua realidade, tornam-se a própria mentira, fundem-se a ela e, portanto, não percebem o que se perde.

“Você faz amor com a sua mulher mas nunca vai longe nele. Isso pode realmente levá-lo longe, pode levá-lo à bênção máxima, você pode se dissolver nisso; mas se você nunca aceitou sua raiva e nunca se dissolveu nela, como pode deixar que o amor o dissolva?” (p. 166/167).

“Quando você se aprofunda muito, você se torna selvagem, porque sua civilidade é só um verniz. Então, a raiva aflora, tudo aquilo que está oculto em você surge e você quase fica louco. Para evitar essa loucura, você faz amor de um modo muito superficial” (p. 167).

Quando se entra em contato com o que realmente sente, com a própria essência, descobre-se a verdade e, a partir dela pode-se assumir o controle de si mesmo sem qualquer interferência.

Encontro aqui correspondência à prática do amor a partir da ligação dos chakras. O amor que se revela pleno pelo espírito de ambos e, assim, aproxima intimamente dois corpos que se fundem sendo um só (ou como um só), do quais o prazer transcende o momento físico e a energia se desprende de um para o outro e para todo o Universo. Por isto, o amor “tem de ser êxtase – não como um espirro, não só uma liberação, mas uma realização, uma libertação” (p. 167).

Diante de tudo que se disse, não queremos fazer apologia à libertinagem ou à anarquia ou à irresponsabilidade (o título do livro já afasta este pensamento). De forma alguma! Queremos deixar claro que estamos presos quando devemos ser livres, quando devemos estar no controle de nossas vidas.

Para o autor é a “vida de não-controle”, mas não-controle quer dizer: “não entendo uma vida de licenciosidade. A vida de não-controle pode ser de grande disciplina, mas ela não é imposta a partir do exterior” (p. 167).

Disciplina. Esta é a palavra chave. “A disciplina vem de suas próprias experiências interiores. A disciplina vem do encontro com todas as possibilidades do seu ser. Vem da experiência de todos os aspectos, da exploração de todas as dimensões. Vem da compreensão. Você esteve com raiva e entendeu algo nela – essa compreensão traz disciplina. Não se trata de controle. O controle é feio, a disciplina é bela” (p. 167).

O autor nitidamente dá um significado novo à disciplina e ao controle. Este uma forma de autodomação o que é absolutamente condenável, e, aquela, uma forma de aprendizado e aceitação de si mesmo.

“Um homem disciplinado é aquele que continua aprendendo com as experiências da vida, que toma parte de tudo sem medo – que arrisca, explora e se aventura, que está sempre pronto para penetrar na noite escura do desconhecido; que não se apega ao conhecido e que está sempre pronto a cometer enganos, que está sempre pronto a cair num fosso e que está sempre pronto a ser alvo de riso dos outros. Só as pessoas corajosas o bastante para ser chamadas de loucas são capazes de viver, amar, conhecer e ser” (p. 168).

Lembro-me de que devemos criar a teoria da própria experiência, da própria experimentação. Não é abandonar o conhecimento e a experiência alheia ou transmitida, não. Mas é ir além a partir da vida de essência, da busca da própria essência. Porque, a partir da essência todo conhecimento e experiência adquirida ou assimilada ganha uma dimensão totalmente nova e própria, uma nova realidade; assim, a pessoa estará recriando sua própria realidade.

“O conhecimento significa o passado, o conhecimento significa o velho e o que é sábio, significa aquilo que você amealhou. E toda situação nova é nova, nenhum conhecimento é aplicável a ela” (p. 169).

O autor argumenta que as pessoas sonham que estão correndo atrás de um trem, mas quando chega à estação o trem sempre já partiu, para demonstrar o quanto ninguém tem tempo para nada. “Não podem comungar, não podem participar de nada, algo atrapalha. O que é? É o conhecimento que atrapalha. Eu lhe ensino a ignorância. E quando digo seja como uma criança, quero dizer continue aprendendo sempre, nunca se torne um erudito. A erudição é um fenômeno morto, o aprendizado é um processo vivo” (p. 169/170).

Fazendo referência a Buda e Krishna afirmou: “Não que eles nunca tenham ficado velhos! Krishna viveu até oitenta anos, ficou muito velho, mas algo nele sempre permaneceu jovem, como criança. Ele continuou a agir a partir do estado do não-conhecimento” (p. 170).

“A primeira coisa é: quando digo seja como uma criança, quero dizer seja inteiro. E a segunda coisa é: continue sendo um estudante, procure agir a partir do estado do não-conhecimento. Isto é inocência: agir a partir do não-conhecimento. E a terceira e última coisa é: a criança tem uma qualidade natural de confiança; caso contrário, ela não pode sobreviver” (p. 171).

“Ser como uma criança é um fenômeno totalmente diferente. O que isso significa? A criança sempre se entrega por inteiro a tudo o que faz, ela nunca é parcial. Se está catando conchas do mar na praia, então tudo o mais simplesmente desaparece da sua consciência, tudo o que lhe interessa são as conchas e a praia. Ela está absorvida nisso, está totalmente perdida nisso” (p. 168).

Quer isto dizer é ter prazer no que faz. Fazendo com prazer desaparece o periférico e permanece fruição do momento.

“Se você sabe o que é a confiança, se você é capaz de aprender novamente os tipos de confiança, então você só saberá o que é a divindade, só virá a entender o que é a verdade. Isso tem de ser entendido [...] A religiosidade depende da confiança, ela não pode existir sem confiança. Essas são direções diametralmente opostas” (p. 171).

E sobre confiança, o autor aborda a fé em comparação à ciência para dizer que a religião é confiança e a ciência é dúvida. Para nós elas não se separam, são interdependentes porque constrói o homem material e espiritual.

“A ciência é a religião das coisas, a religião é a ciência do ser. Assim como você não pode ver uma flor com o ouvido – por mais sensível que seja seu ouvido, por mais musical que ele seja, você não pode ver uma flor por meio dele” (p. 173); por isto, são interdependentes.

Interdependência esta que se positiva quando o autor diz: “Você tem de usar ambas as coisas. E chamo o homem capaz de usar ambas as coisas de homem de entendimento. Ao trabalhar num laboratório científico, ele usa a dúvida, o ceticismo, a lógica; ao rezar em seu templo, meditando, ele usa a fé. E ele é livre – não é limitado pela fé nem pela dúvida” (174).

E para isto, portanto, é preciso que assuma a responsabilidade por sua vida, tome nas mãos a sua vida, e se exponha e ao se expor se libertará.

“Não há nenhuma necessidade de usar a fé para saber acerca das coisas e não há necessidade de duvidar sobre o interior; assim, você está criando um caos. Se a fé fosse usada para a exploração científica, a ciência não teria nascido. Eis porque a ciência do Oriente permaneceu primitiva” (p. 174).

“A religião é uma abordagem infantil da existência: o mundo se torna uma mãe ou um pai. Você não está contra a natureza, você não está lutando com a natureza. Não há luta, há uma grande cooperação. A luta parece estúpida e absurda” (p. 173). Então, não faz sentido entender que a evolução espiritual só pode ocorrer na resignação, no soterramento da essência e da natureza da pessoa humana. A evolução só pode ocorrer quando se compreende a própria natureza, a própria essência e a aceita e a expõe, de modo a alcançar o lugar no plano de imanência divina.

“A religião é uma dimensão diametralmente oposta. Da mesma maneira que na ciência a dúvida é o método, na religião a fé é o método. O que significa fé? Significa que não estamos separados da existência, que somos parte dela, que ela é nosso lar. Que pertencemos a ela, que ela pertence a nós, que não somos desprovidos de um lar, que o universo é maternal” (p. 172).

E revela sua visão de que Deus é Pai benevolente, é amor, e que como crianças devemos, na dificuldade gritar e chorar a Ele. A criança faz isto porque confia, não há dúvida nela quanto ao amor e carinho dos pais. Por isto ela grita e chora para receber a atenção.

“A dúvida é a porta para as coisas. A fé a porta para o ser. Só através da fé a divindade é conhecida” (p. 173).

Sinceramente tenho aprendido isto ao longo de minha vida. Mesmo que as coisas parecem não se resolverem, tenho, humildemente, suplicado a Deus em nome do Cristo, o auxílio de pai, a acolhida de pai, o abraço de pai. Mas, ainda assim preciso confiar mais, preciso acreditar mais que Ele me atenderá.

“Jesus chamou Deus de ‘*Abba*’, que é muito melhor que pai. Pai é uma palavra formal, *abba* é informal. Se você tiver de traduzir *abba* corretamente, a palavra estará mais próxima de papai do que de pai; chamar Deus de Papai parece um pouco absurdo; a Igreja não permitirá isso. A Igreja dirá isso não é certo; mas Jesus costumava chamá-lo *Abba*, papai” (p. 172/173).

Desse modo, ser adulto não é jamais se tornar rígido. Mas ser adulto é ter maturidade suficiente para compreender – pela fé – que Deus é maior, é “papai” e que como Pai a ele devemos sim, rendermos gratidão, glória e obediência, e, por compreendermos esta obediência, é que a Ele devemos nos voltar chorando e gritando por socorro, auxílio e tudo mais que necessitarmos.

O adulto não deve perder a criança que sempre o habita. “A toda criança deve-se permitir seja infantil, como a todo adulto deve-se permitir seja adulto, mas um adulto também pode ter as qualidades que envolvem ser uma criança” (p. 175).

“Então, você pode se tornar maduro. Você não pode amadurecer com todas as mentiras que esteve carregando em si mesmo. Você só pode amadurecer quando se torna sincero, quando se torna verdadeiro” (p. 176).

Agrutinando estes ensinamentos devemos nos manter como seres em potência, isto é, sempre abertos. Abertos a todos os acontecimentos mesmo aqueles mais corriqueiros. Esta abertura possibilita a compreensão como meio de aceitação da própria essência e, sua busca.

“Fique atento quanto ao seu corpo – caminhar, cortar madeira ou levar água do poço. Esteja atento, esteja alerta, consciente. Não faça coisas como um zumbi, como um sonâmbulo” (p. 187).

“Você sabe que estará mudando de muitas moradas. Você estará trocando muitas formas, mas cada uma será melhor do que a anterior, porque você está crescendo, amadurecendo. Você merece formas melhores, corpos melhores. E, finalmente, chega o momento em que você não precisa de nenhum corpo” (p. 186).

“Permaneça aberto. Não estou dizendo nada além de permanecer aberto. Medite profundamente. Enquanto você está fazendo amor, deixe o estado de meditação penetrar o ato de amor. Observe! E esqueça todos os preconceitos com que foi educado – todos esses condicionamentos contra o sexo o tornam mais sexual, e então você pensa que a sexualidade é um problema para você. A energia do sexo não é o problema. É a mente antisssexual que cria a perversão” (p. 177).

O autor deixa claro, neste ponto, que todas as religiões não fontes de perversões, mas que não quer significar que Cristo, Buda, Krishna e outros são pervertidos. De forma alguma, quer ele dizer que os construtores das religiões é que se perverteram, quiçá, no afã de dominar os fiéis.

E o autor discorre os seguidores destes iluminados, em particular de Buda, criaram máximas não coerentes porque ao observarem-no afirmaram que o sexo tem de desaparecer, quando na verdade o sexo só desapareceu porque Buda foi “à sua fonte interior, não o contrário” (p. 177).

A passagem transcrita é uma lição para todos nós: “Ele [Buda] foi despertado para o seu ser interior. Quando alguém desperta para o seu ser interior, é tão abençoado, que quem se importa com o sexo? Quem mendiga momentos fugazes de prazer de alguém mais? Quem segue mendigando? Quando você é o imperador e tem o tesouro, o infinito tesouro dentro de você, você não solicita uma mulher, nem um homem, para ter alguns momentos de prazer” (p. 178).

“Por ora, não julgue – o *juízo* está errado. Torne-se apenas mais vigilante, mais compreensivo, mais relaxado com as suas energias. Caso contrário, você passará pelas dificuldades por que passam os santos cristãos no correr das eras” (p. 178).

O autor enfatiza as mulheres por sua sensibilidade compaixão [é lógico que estamos falando de mulheres verdadeiras, não de um esteriótipo mercantilista empregado nos discursos políticos] e sua mística para combater

as afirmações dos “santos” contra o sexo, como Clemente de Alexandria que chegou a dizer que a mulher é a porta para o inferno.

E diz o autor que apesar de tudo não se ouve falar de muitas santas. “Não é que as mulheres nunca tenham sido místicas... Pelo contrário, Meera disse que o amor é a porta para Deus” (p. 179/180).

E assevera que quando se cria uma repressão, as fantasias se instalam. E, por isto, as pessoas que assim agem cometem um crime.

“A graça – a graça sobrenatural – de onde ela vem? É o sexo – transformado, transfigurado. É o mesmo barro que você deplorava e condenava – ele se tornou uma flor de lótus [...] Ele é toda a sua vida, é toda a sua energia. Nos planos inferiores, nos planos superiores – ele é a única energia que você tem. Assim, não carregue em si nenhum antagonismo, caso contrário, você se tornará um repressor” (p. 182).

Um repressor não tem entendimento. Um repressor não tem compreensão, não tem compaixão. Um repressor sofre porque é contra tudo. Um repressor continua preso, porque não esquece jamais de combater e, para isto, não pode se afastar das idéias combatidas. Um repressor não pode observar e ser indiferente.

“Sim, há um ponto de transcendência em que o sexo desaparece – mas não quando você está contra ele. Ele só desaparece quando você acha bênçãos superiores aflorando do seu ser, nunca antes disso. O superior deve ser alcançado primeiro, para que o inferior desapareça espontaneamente” (p. 180).

“Quando o sexo desaparece, na realidade você se torna mais sensual do que nunca, porque toda a energia é absorvida pelo seu ser” (p. 181).

Dito assim, creio estar no caminho certo. Com meus erros e acertos, creio estar buscando o caminho certo. Porque o desejo de encontrar o divino em mim, a plenitude de minha essência, não me afasta nem me impede de me entregar, mergulhado, no amor carnal por onde deságua o amor espiritual que me une à pessoa amada. Mas, advirto, o sexo só faz sentido quando há sentimento íntimo, não como pálido complemento de uma convivência social.

“Nunca seja contra o inferior, busque o superior, e, no momento em que o superior surgir para você, de repente você verá que o interesse pelo inferior desapareceu” (p. 181).

“O entendimento é a liberdade, o entendimento liberta” (p. 181). Por isto, entenda que ainda não está num nível superior e aceite as fraquezas do amor, a criança que deseja crescer e deixem-nas aflorar em você, exponha-se, aceite-se, entenda-se, tome consciência de você mesmo e será livre.

“A consciência libertará a sua inteligência, o fará amadurecer. E então a maturidade continuará a aumentar” (p. 185).

“A consciência é o método para despertar primeiramente a sua inteligência, e então para despertar o seu ser, para ajudá-lo a se tornar maduro, dar-lhe a compreensão da imortalidade, e, em última análise, torná-lo uno com o todo” (p. 186).

“A consciência é o método; a maturidade é o resultado. Torne-se cada vez mais consciente e você terá mais maturidade” (p. 187).

“Se todo mundo usar 100% da sua inteligência, podemos criar o paraíso aqui. Não há necessidade de ir a nenhum lugar. Podemos dar ao homem uma vida tão longa quanto ele desejar, tão saudável quanto ele desejar” (p. 183).

Remete-me à egrégora, àquela atmosfera criada pela energia de pensamento que faz reconstituir sempre toda integridade física, mental e espiritual dos seres. E só é possível forma uma egrégora a ponto de alcançar o mundo, quando todas as pessoas forem transformadas; quando os paradigmas edificadas forem todos derrubados.

Para se ter um exemplo de aprisionamento atenhamo-nos ao avanço tecnológico. Ele veio com o estandarte de que a vida do homem seria mais fácil e assim, sobrar-lhe-ia mais tempo. Isto não aconteceu, o homem moderno está cada vez mais sem tempo algum, sem tempo para ele mesmo, que dirá para outras coisas. Então, ele se perde num emaranhado de afazeres e coisas e, passa pela vida sem a viver.

“Assim, parece que você é independente, mas não é. A antiga escravidão não está mais aí; agora você não está acorrentado, mas há cadeias invisíveis – seus filhos, seus velhos pais, sua esposa doente, seu trabalho [...] Só há uma possibilidade, a supertecnologia que pode realizar todo o trabalho e deixar o homem completamente livre para ser criativo. Você pode tocar seu violão, cantar sua canção. Você pode pintar, pode fazer esculturas” (p. 185).

Então, sinta-se a todo momento. “Quando você está atento à fala, ela começa a se tornar arte. Assume os tons da poesia e da música. Isso tem de acontecer se você fala com consciência” (p. 188).

Para o autor quanto mais consciente a pessoa se torna menos energia há para formação dos pensamentos, “eles desaparecem. Quando você está 100% atento, a mente se torna de todo silenciosa. Esse é o momento de mergulhar mais profundamente” (p. 188).

E por fim, “torna-se consciente dos sentimentos, humores, emoções. Em outras palavras, primeiro o corpo – sua ação; segundo, a mente – sua atividade; terceiro, o coração e suas funções. Quando você passa ao coração e volta sua consciência para lá, dá-se uma nova surpresa. Tudo o que é bom cresce e tudo que é mau começa a desaparecer. O amor cresce, o ódio



desaparece. A compaixão cresce, a raiva desaparece. A partilha cresce, a ganância desaparece” (p. 188/189).

Lembro-me de que ele disse que amor e ódio são juntos para registrar que são juntos num estado inferior. Mas são separáveis, assim como outros sentimentos antagônicos, quando se alcança a superioridade no interior.

“Um salto quântico ocorre espontaneamente. Do coração, você de repente se descobre no seu ser, no seu próprio centro. Lá, você está atento à atenção, consciente apenas da consciência. Não há nada mais do que estar atento, nem consciente. Essa é a pureza máxima” (p. 189).

TELMO ARISTIDES DOS SANTOS  
12.05.08

BIBLIOGRAFIA:

OSHO, MATURIDADE - A RESPONSABILIDADE DE SER VOCÊ MESMO  
- EDITORA CULTRIX - SÃO PAULO - 1999 - TRADUÇÃO: ALÍPIO  
CORREIA DE FRANCA NETO.

